



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA**

**REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO  
ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO DE ARTES  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO  
SUL**

**ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* GESTÃO EM ARQUIVOS**

**MEDIANEIRA PEREIRA GOULART**

**São João Do Polêsine, RS, Brasil, 2010**

**REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO  
ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO DE ARTES DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**por**

**Medianeira Pereira Goulart**

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos, pólo de São João do Polêsine / RS (EAD), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Especialista.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup> MSc.. SÔNIA ELISABETE CONSTANTE

São João do Polêsine, RS, Brasil  
2010

**Universidade Federal de Santa Maria  
Universidade Aberta do Brasil  
Centro de Ciências Sociais e Humanas  
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Monografia de Especialização

**REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO ARQUIVO  
HISTÓRICO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

elaborada por  
**MEDIANEIRA PEREIRA GOULART**

como requisito parcial para a obtenção do grau de  
**Especialista em Gestão em Arquivos**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

---

Sônia Elisabete Constante, MSc.  
(Presidente /Orientador)

---

Daniel Flores, Dr.

---

Eneida Izabel Schirmer Richter, MSc.

São João Do Polêsine, 20 de novembro de 2010.

Este trabalho é uma homenagem ao corpo docente, aos egressos, funcionários, técnicos-administrativo, artistas e colaboradores do Instituto de Artes.

A todos que compartilharam suas vidas e contribuíram para a grandeza desta centenária Instituição.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Santa Maria, especialmente aos professores do curso Gestão em Arquivos EAD, pelos seus espíritos empreendedores e altruístas, oportunizando o crescimento e aprimoramento do conhecimento científico.

À Coordenadora Prof<sup>a</sup> Denise Molon Castanho, pela coerência, responsabilidade e bom senso na condução deste curso de especialização.

Ao Instituto de Artes – UFRGS, por apoiar e subsidiar a realização deste trabalho.

Ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes, por dispor de tão precioso material e oportunizar a realização desta experiência profissional.

Ao Conservatório de Música de Pelotas, especialmente à diretora Prof<sup>a</sup>.dr<sup>a</sup>. Isabel Nogueira, pela receptividade, disponibilidade e entusiasmo na troca de informações e experiências, pela amizade e o carinho dispensados em todos os encontros.

À professora Sônia Elisabete Constante, pela dedicação e presença efetiva norteando meus passos com ética, responsabilidade e comprometimento.

Ao Prof. Alfredo Nicolaiewski e a Prof<sup>a</sup>. Eny Schuch pela confiança depositada.

Ao Prof. Sérgio Pezzi, pelo material disponibilizado, pelas conversas esclarecedoras e a constante amizade.

Ao mestre e amigo Prof. Círio Simon pelo constante incentivo.

Aos amigos e colegas Cléo Belício Lopes, Camila Couto e Sérgio Sakakibara, por que permitiram que seus conhecimentos e profissionalismo iluminassem uma idéia, tornando-a um projeto concretizado. Muito grata pela amizade, disponibilidade e imprescindível parceria.

Aos meus colegas-amigos, Lisandra Vargas, Carmen Valenti e Alfredo Estigma, parceiros de viagem e de pousada, cujas presenças tornaram mais leve e agradável essa jornada.

À minha ex-aluna, agora colega e para sempre amiga Vera Santos pela presença diária e apoio incondicional e cuja alegria e leveza de viver fizeram desta etapa uma feliz e inesquecível viagem.

Aos meus Pais Augustinho Martins Pereira (*in memoriam*) e Horacelina Mello Pereira; ele, por sempre ter segurado firme minha mão, mostrando-me os caminhos dignos que todo o homem de bem deve trilhar. Ela, que com seu amor e fé incondicional é presença de luz constante no meu dia-a-dia.

À minha família, por ter me ensinado o poder do trabalho e a força da determinação.

Aos meus preciosos afilhados João Vítor e Bibiana, pela generosidade em aceitar minha ausência, justificada na medida em que tenho a pretensão de ser, para vocês, um bom exemplo.

Ao meu amor Marcelo por sua lealdade, companheirismo e amor, suportes incondicionais para o êxito dessa tarefa e de muitas outras...

À família Lacerda Grillo, em especial à minha sogra Amazília, pelas carinhosas acolhidas e pela correção deste trabalho.

À Ana Paula Jacobus, pela disponibilidade em ajudar sempre.

Aos colegas do IA, especialmente Flávia Paula, Alexandre Alves, Ronise Ferreira, Mário Ebling, Maria Clara Machado, José Carlos Azevedo, Alexandre Bastos, pelo profissionalismo e constante auxílio.

Às estagiárias do Arquivo Histórico, Débora Berté e Fernanda Scherer pelo comprometimento e apoio diário.

Ao amigo Roberto Kaliski pela sincera amizade e os sábios conselhos.

A todos meus amigos, deste e de outros planos, cujas presenças de luz e de amor amenizam os momentos de incertezas e angústia.

A Deus, Pai de infinita bondade:

Que permitiu minha vinda a este plano de intenso aprendizado...

Que desenha diariamente meus caminhos com as cores da paz, do amor, da saúde e da serenidade...

Que envia anjos, em forma de amigos, para me sustentarem nessa longa caminhada.

Que confiou em mim, quando, em momentos de profunda exaustão, até eu mesma deixei de acreditar...

Meu eterno agradecimento!

A Divina Bondade, contudo, nunca nos deixa relegados à treva de nossas indecisões e desapontamentos. Assim, como faz brilhar as estrelas fulgurantes no alto, desvelando os caminhos constelados do firmamento ao viajor perdido no mundo, acende, no céu de nossos ideais, convicções novas e aspirações ainda mais elevadas, a fim de que nosso espírito não se perca na viagem em direção aos horizontes superiores.(Emmanuel)



## **RESUMO**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos

Universidade Federal de Santa Maria

### **REVITALIZAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO ARQUIVO HISTÓRICO DO INSTITUTO DE ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

AUTORA: MEDIANEIRA PEREIRA GOULART  
ORIENTADOR: MSC. SÔNIA ELISABETE CONSTANTE  
São João do Polêsine, 20 de novembro de 2010

O Projeto de Pesquisa para Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes integra-se ao Projeto original de Organização e Socialização do Acervo Documental do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Ao longo de mais de cem anos de atuação no ensino, pesquisa e extensão das Artes no Estado, o Instituto de Artes (IA) produziu e acumulou um inestimável patrimônio documental, onde figuram também documentos iconográficos que retratam a histórica prática das artes no Sul do País. Neste sentido, esta pesquisa buscou recuperar o acervo fotográfico do IA através da colaboração da comunidade artística Riograndense, bem como da pesquisa documental em outro acervo relacionado às Artes no interior do Estado. A iniciativa visou sensibilizar a comunidade através de diversos meios de comunicação, buscando a participação de antigos professores, ex-alunos, funcionários e demais agentes partícipes da construção histórica do Instituto, para que contribuíssem com dados e informações que pudessem subsidiar a identificação e disponibilização dos documentos iconográficos, datados no período de 1908 a 1962. As ações desenvolvidas durante a execução do Projeto dividem-se em cinco momentos distintos: a construção do site do arquivo; a digitalização da amostra de fotografias; a divulgação do site e do projeto; a investigação no acervo do Conservatório de Música de Pelotas e a socialização permanente do acervo após sua descrição.

Palavras-chave: Instituto de Artes; acervo fotográfico; digitalização de acervos.

## **ABSTRACT**

Monografia de Especialização  
Curso de Pós-Graduação a Distância  
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos

Universidade Federal de Santa Maria

### **REVITALIZATION OF ARTS INSTITUTE HISTORICAL ARCHIVE OF FEDERAL UNIVERSITY OF RIO GRANDE DO SUL PHOTOGRAFIC COLLECTION.**

**AUTHOR: MEDIANEIRA PEREIRA GOULART**  
**ADVISOR: MSC. SÔNIA ELISABETE CONSTANTE**  
São João do Polêsine, 20 novembro de 2010

The revitalization research project of Historic Archive Photograph ACERV of Arts Institute integrates to Original project Organization and Socialization of Documental collection of Arts Institute of Federal University of Rio Grande do Sul. Through more than hundred years acting on teaching, research and extension of Arts in State, the Arts Institute (IA) produced and accumulated an invaluable documental patrimony, where are also included iconographic document which demonstrated a historical practices of Art in Country south. In this sense, this research recovered the photographic collection of IA through the Riograndense artistic community collaboration, also to with documental research in others collections related to Arts in State. This initiative aimed sensitized the community through many communication ways leading to participation of olden professor, formed students and employers and other people that participated of historical construction of Institute, to contribute with data and information to subsidize the identification and availability of iconographic documents of the period between 1908 and 1962. The actions developed during the Project shared in five diverse moments: the Archive site construction, the photographic sample digitalization, the Site and the project divulgation, the research on Pelotas's Music Conservatory collection and the permanent socialization of this collection after its description.

Key words: Arts Institute; photographic collection; collection digitalizing.

## **Lista de Abreviaturas**

AHIA – Arquivo Histórico do Instituto de Artes

CODERAQ – Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos.

CONARQ – Conselho Nacional de Arquivos.

IA – Instituto de Artes

IBA – Instituto de Bellas Artes

ICA - International Council of Archives

ISAAR(CPF) – Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias.

ISAD(G) – Norma Internacional de Descrição Arquivística

ISDIAH - Norma internacional para descrição de instituições com acervo arquivístico

NOBRADE – Norma Brasileira de Descrição Arquivística

SEPIADES – Safeguarding European Photographic Images for Access Data Element Set

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UPA – Universidade de Porto Alegre

## Lista de figuras

Figura 1 - Prédio do IBA em 1914, localizado na Rua Sr. dos Passos, 248- Porto Alegre – RS .....	20
Figura 2 - Prédio do IA- UFRGS, em 2010, localizado na Rua Sr. dos Passos, 248- Porto Alegre – RS. ....	20
Figura 3 - Sala do AHIA – prédio ICBS .....	21
Figura 4 - Quadro com o Registro do AHIA no CODEARQ .....	24
Figura 5 - Conservatório de Música de Pelotas – agosto de 2010.....	26
Figura 6 - Armário do Centro de Documentação. ....	27
Figura 7 - Organização interna das fotografias nas pastas. ....	28
Figura 8 - Tela de abertura do Banco de Dados. ....	28
Figura 9 - Formulário de Fotografia. ....	29
Figura 10 - Visualização da página da galeria de imagens com os três álbuns disponíveis. ...	62
Figura 11 - Apresentação dos percentuais de imagens por álbum.....	64
Figura 12 - Apresentação dos percentuais de imagens comentadas por meio do <i>site</i> do arquivo.....	64
Figura 13 - Apresentação dos percentuais de imagens comentadas através de visitas ao Arquivo .....	64

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1.1 Delimitação do Tema</b> .....	15
<b>1.2 Delimitação e Caracterização do Problema</b> .....	15
<b>1.3 Objetivos</b> .....	16
1.3.1 Geral .....	16
1.3.2 Específicos .....	16
<b>1.4 JUSTIFICATIVA</b> .....	17
<b>2 Instituições pesquisadas</b> .....	19
<b>2.1 Histórico do Instituto de Artes - UFRGS</b> .....	19
<b>2.2 Histórico do Arquivo do Instituto de Artes</b> .....	21
<b>2.3 Conservatório de Música de Pelotas</b> .....	24
<b>2.4 Acervo Fotográfico do Conservatório de Música de Pelotas</b> .....	26
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	30
<b>3.1 Informação, arquivos e Arquivologia</b> .....	30
<b>3.2 Acervos Fotográficos</b> .....	37
<b>3.3 O Arquivista e sua Função</b> .....	40
3.3.1 Processo Descritivo .....	42
3.3.2 Preservação .....	46
3.3.3 Planejamento na gestão arquivística .....	49
3.3.4 Difusão de acervos fotográficos.....	52
<b>4 METODOLOGIA</b> .....	55
<b>4.1 Procedimentos Metodológicos</b> .....	56
4.1.1 Construção do Site para o AHIA .....	56
4.1.1.1 O SEPIADES .....	58
4.1.1.2 O Software ICA-AtoM .....	59
<b>4.2 Seleção, Digitalização e Descrição das Imagens</b> .....	60
<b>4.3 Divulgação do Projeto e do Arquivo histórico do IA / UFRGS</b> .....	65

<b>4.4 Investigação no acervo do Conservatório de Música de Pelotas. ....</b>	<b>67</b>
<b>4.5 Difusão do Acervo do IA .....</b>	<b>68</b>
<b>5 RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>71</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>74</b>
<b>APÊNDICE A – Visualização da página principal do AHIA .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE B – Visualização da página da galeria de imagens.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE C – Página de visualização dos álbuns .....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE D – Visualização de um exemplar fotográfico e sua descrição arquivística</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE E – Exemplar fotográfico no <i>site</i> e sua descrição segundo a Nobrade .....</b>	<b>84</b>
<b>APÊNDICE F – Exemplar fotográfico e sua descrição .....</b>	<b>85</b>
<b>APÊNDICE G – Fotografia de formatura e sua descrição .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE H – Fotografia de uma exposição e sua descrição .....</b>	<b>89</b>
<b>ANEXO A – Divulgação do projeto na revista Adverso .....</b>	<b>91</b>
<b>ANEXO B – Divulgação publicada no <i>site</i> da UFRGS .....</b>	<b>92</b>
<b>ANEXO C – Divulgação no jornal da UFRGS .....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO D – Notícia no Jornal do comércio .....</b>	<b>94</b>
<b>ANEXO E – Reportagem no Jornal Zero Hora.....</b>	<b>95</b>

## **1 INTRODUÇÃO**

O acervo documental acumulado ao longo de mais de 100 anos pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), desde o ano de 2000, vem sendo objeto de inúmeros projetos, todos visando à sua organização, revitalização e disponibilização.

Dentre essas ações, insere-se, atualmente, mais essa pesquisa, com o propósito de identificar o Acervo Fotográfico pertencente ao Acervo Histórico do Instituto de Artes (AHIA). Esta ação está amparada na constante necessidade de acesso aos documentos fotográficos do arquivo, assim como na importância de uma ação efetiva no tratamento e socialização dessas imagens, primando pela sua preservação e conservação.

Considerando esse contexto, e por tratar-se de documentos do início do século XX e de sua importância na reconstrução da história das Artes no Estado, é que estes documentos foram escolhidos para serem objetos desta investigação.

Através do auxílio da comunidade gaúcha, bem como da pesquisa documental em outro acervo ligado às artes no interior do Estado, buscaram-se dados e ou informações que possam subsidiar o trabalho de identificação de exemplares fotográficos produzidos e acumulados ao longo das atividades do Instituto, desde sua fundação, em abril de 1908.

Deste modo, será possível garantir de forma efetiva e permanente o acesso à histórica e relevante memória institucional do IA, através de ações que resultarão no envolvimento da comunidade, assim como na divulgação do acervo, seus serviços, seu diferencial em termos de documentos e informações relativos à música, artes visuais, arte dramática, arquitetura e urbanismo.

## **1.1 Delimitação do Tema**

Ao longo de um século de atividades o Instituto de Artes produziu e acumulou um riquíssimo acervo documental, onde figuram exemplares fotográficos, em preto e branco (P&B), de inestimável valor histórico, totalizando em torno de 2000 unidades.

A delimitação do universo de investigação foi efetuada a partir da necessidade do acervo a ser trabalhado, e isso possibilitou definir marcos, considerando apenas o período de 1908 a 1962, período este, que delimita as atividades do IBA e marca a reintegração definitiva do IA à UFRGS.

Diante da importância deste acervo, tanto em nível institucional como da constante demanda por parte de pesquisadores em geral, buscam-se, através dessa pesquisa, meios de subsidiar a identificação desses preciosos e únicos exemplares que reconstituem a relação da sociedade gaúcha e brasileira com o Instituto de Artes e os acontecimentos artísticos, especialmente, na primeira metade do século XX.

Ainda em relação à delimitação do tema, esta foi baseada na significativa relevância desses documentos como integrantes de um conjunto documental extremamente diferenciado, por tratar-se da primeira instituição de artes fundada no Rio Grande do Sul.

## **1.2 Delimitação e Caracterização do Problema**

Por trata-se de um acervo fotográfico, cuja formação se deu ainda no início do Século XX, e por nunca ter sido submetido a um tratamento adequado, este encontra-se sem nenhum tipo de identificação, impossibilitando, desta forma, a sua disponibilização. As fotografias, em sua maioria, evidenciam o desgaste físico, demonstrando as marcas dos inúmeros incidentes dos quais foram vítimas em função de seu armazenamento inadequado, durante um longo período. Sendo assim, questionamentos, tanto de ordem prática, como de ordem conceitual, impõem-se nesse momento, a fim de que soluções sejam definitivamente encontradas.

Na prática três questões fundamentam a escolha desse acervo fotográfico, quais sejam: de que forma recuperar as informações pertencentes a cada exemplar fotográfico?



A comunidade poderá ser um sujeito ativo na recuperação de dados e informações? Qual a contribuição que a investigação em um acervo de outra instituição com o mesmo perfil do IA pode acrescentar?

Como questões conceituais surgem: qual o papel de um arquivo, cujo acervo não é passível de acesso? E ainda, qual a função do arquivista em meio às dificuldades impostas pelo setor público, nas questões relacionadas à preservação e disponibilização de acervos?

Ações concretas nortearão as buscas por estas respostas, de modo que ao término desse trabalho se pretende registrar uma experiência salutar para o universo arquivístico.

### **1.3 Objetivos**

#### 1.3.1 Geral

Verificar a viabilidade de recuperação do Acervo Fotográfico do IA, por meio da colaboração e auxílio da comunidade gaúcha, bem como da análise da experiência realizada por outro acervo com o mesmo perfil institucional.

#### 1.3.2 Específicos

- a) constituir uma página virtual para o Arquivo Histórico, com base na avaliação de *softwares* livres compatíveis com os padrões utilizados pela UFRGS;
- b) selecionar uma amostra de fotografias a fim de digitalizá-las e divulgá-las no site;
- c) articular meios de divulgação do site do Arquivo e da pesquisa;
- d) interpretar os dados e informações obtidas através do site e da pesquisa documental a fim de utilizá-los na descrição dos exemplares fotográficos, considerando a NOBRADE como referência;

- e) analisar os meios de difusão passíveis de serem utilizados no Arquivo Histórico do IA.

#### **1.4 Justificativa**

O Instituto de Artes iniciou, no ano de 2000, um processo de organização e revitalização do seu acervo documental acumulado, visando preservar e socializar a memória institucional e implantar a gestão documental em todos os seus setores e departamentos.

Todos os esforços são no sentido de oportunizar a conservação e preservação de seu patrimônio documental, garantindo um amplo e efetivo acesso a este que é considerado o representante oficial da institucionalização das artes no Rio Grande do Sul.

Como partes integrantes deste acervo documental estão as fotografias. Estas encontram-se desprovidas de condições de acesso, devido à sua não identificação, por isso as consultas ficam extremamente limitadas, inclusive porque alguns exemplares encontram-se danificados e fragilizados fisicamente. Todavia, a demanda de usuários que têm interesse nesses documentos é sobremaneira significativa, tendo em vista as inúmeras possibilidades e viés de pesquisa e informações contidas no mesmo. Entretanto, por mais que se busque garantir o acesso pleno aos documentos do arquivo, há que se considerar a ausência de dados e informações que possam subsidiar a descrição desses exemplares, ocasionando, desta forma, uma lacuna na sua disponibilidade de acesso, inclusive impedindo-o de expressar o seu potencial.

A recuperação deste acervo justifica-se dia após dia, ao servir de base para a reconstrução da história de Instituições, de eventos e de solenidades, assim como de estudos e de investigação que têm por objeto a arte e as culturas desenvolvidas no Rio Grande do Sul e no Brasil. Enfim, o acervo do Instituto de Artes, além de contribuir direta e recorrentemente para a reconstrução da identidade de indivíduos, grupos e instituições, reproduz, com suficiência de dados, a origem do Instituto de Artes, sua estrutura, atividades e funções de ensino, pesquisa e extensão.

O presente trabalho, além de revitalizar o acervo fotográfico, através do auxílio da comunidade artística Rio-grandense, assim como da pesquisa documental em acervos

relacionados às Artes, no interior do Estado, permitirá ainda a divulgação do Arquivo Histórico.

## **2 INSTITUIÇÕES PESQUISADAS**

Este capítulo contempla os históricos das Instituições que são objetos deste trabalho, quais sejam: Instituto de Artes - UFRGS, Arquivo Histórico do IA, Conservatório de Música de Pelotas- UFPel, Acervo Fotográfico do Conservatório de Música de Pelotas.

### **2.1 Histórico do Instituto de Artes - UFRGS**

O Instituto de Belas Artes (IBA) foi fundado por um grupo de intelectuais e artistas, em 22 de abril de 1908, contribuindo desde então com a construção da cultura artística gaúcha e brasileira. Inicialmente, era dirigido por uma comissão de 25 membros, sendo o IBA constituído pelo Conservatório de Música e a Escola de Artes.

O Conservatório de Música, sob a direção de Araújo Viana, abriu suas portas em 05 de julho de 1909, compreendendo a teoria da música, composição, música vocal e instrumental. A Escola de Artes, dirigida por Libindo Ferraz, destinou-se em 1910 ao ensino e ao estudo teórico e prático das Artes Plásticas, envolvendo a pintura, escultura, arquitetura e artes industriais. A sua implantação corresponde à primeira tentativa de institucionalizar o ensino formal das Artes Plásticas no Rio Grande do Sul.

O Instituto de Belas Artes, em 1934, juntamente com a Faculdade de Direito, a Faculdade de Medicina, a Escola de Engenharia, a Escola de Agronomia e Veterinária e a Faculdade de Educação Ciências e Letras deram origem à Universidade de Porto Alegre (UPA).

Em 1936, a Escola de Artes e o Conservatório de Música passaram a denominar-se, respectivamente, Curso de Artes Plásticas e Curso de Música.

Em 1939, o IBA é desintegrado da Universidade de Porto Alegre, vindo somente em 1962 a ser integrado definitivamente à UFRGS e, por decisão da congregação, passa a denominar-se Escola de Artes.

Ainda em 1939, o Conselho Técnico Administrativo aprova a criação dos cursos técnicos de Arquitetura e Artes Plásticas, sendo que a Arquitetura permanece por 10 anos no

IA. Em 1945, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) cria o departamento cultural de extensão universitária da Faculdade de Filosofia, que originou o atual Departamento de Artes Dramáticas do Instituto de Artes. A Reitoria da UFRGS, em 1970, determinou que a Escola de Artes passasse a chamar-se Instituto Central de Artes, criando, assim, os departamentos de Arte Dramática (DAD), Artes Visuais (DAV) e Música (DEMUS). Atualmente o Instituto de Artes está composto por três departamentos, dois cursos de pós-graduação, dois cursos de especialização e diversos cursos de extensão.



Figura 1 - Prédio do IBA em 1914, localizado na Rua Sr. dos Passos, 248- Porto Alegre – RS  
Fonte: Arquivo Histórico do IA



Figura 2 - Prédio do IA- UFRGS, em 2010, localizado na Rua Sr. dos Passos, 248- Porto Alegre – RS.  
Fonte: Arquivo Histórico do IA

## 2.2 Histórico do Arquivo do Instituto de Artes



Figura 3 - Sala do AHIA – prédio ICBS  
Fonte: Arquivo Histórico do IA

Ao longo de um século de história, toda a produção documental do Instituto de Artes foi apenas guardada, sem tratamento adequado e as mínimas condições de preservação. Permaneceu, em torno de 10 anos, no subsolo do prédio do Instituto de Artes, onde o processo de decomposição, o risco de inundação e de incêndio, eram permanentes.

Em 1997, quando o professor Círio Simon desenvolvia sua pesquisa de doutorado – o que resultou num minucioso tratado sobre a História do Instituto de Artes – é que foi efetivamente identificado o acelerado estado de deterioração da documentação do IA. Desde então, o referido professor tem se empenhado em salvar este acervo, o qual representa ao Estado do Rio Grande do Sul um testemunho vivo de sua riqueza e evolução cultural.

Em 1999, a direção do IA, num esforço conjunto com a Reitoria da UFRGS, transferiu o acervo para duas salas do prédio do Instituto de Ciências Básicas da Saúde (ICBS), localizado no campus centro da Universidade. Em junho de 2000, foi iniciado um projeto de organização do acervo, resultando em ações como a contratação de um arquivista, a adequação do espaço físico e a aquisição de equipamentos. Desta forma, obteve-se como resultado a estruturação de uma infra-estrutura mínima para a segurança e preservação da documentação e desenvolvimento das atividades arquivísticas.

A direção do IA, comprometida com a cultura da preservação de patrimônios documentais, proporcionou no primeiro semestre de 2003 significativos investimentos nas dependências do arquivo. Modificações na infra-estrutura das salas, aquisição de equipamentos e materiais de consumo proporcionaram a otimização do espaço físico e das atividades arquivísticas, beneficiando inclusive o atendimento aos pesquisadores.

O Arquivo Histórico abriga a história do Instituto de Artes com suas múltiplas facetas e vinculações com a sociedade rio-grandense, pois tem armazenado aproximadamente 450.000 documentos relativos à origem, aos direitos e objetivos da instituição. Pertence ao Arquivo Histórico do Instituto de Artes (AHIA) toda a documentação histórico-administrativa, cultural e acadêmica da instituição, incluindo-se documentos como regimentos, regulamentos, leis, decretos, planos, plantas arquitetônicas, projetos, programas, pareceres, convênios e correspondências. Além desses, há ainda material relativo ao corpo docente, corpo discente e técnico-administrativo, processos e documentos que registram o suporte orçamentário, tributário e contábil do IA. Possui, também, um importante acervo manuscrito e visual, entre eles fotografias, gravuras, impressos de comemorações, solenidades (formaturas) e exposições.

Dentre os aspectos significativos do trabalho que tem sido desenvolvido no Arquivo, destaca-se a prospecção de acervos relacionados com a história do Instituto de Artes. Nesse sentido, o AHIA mantém contatos com agentes institucionais - antigos professores e diretores, ex-alunos e familiares - detentores de acervos privados, cujos documentos possam estabelecer algum tipo de relação com as atividades do Instituto de Artes, objetivando integrar estes acervos ao patrimônio documental da instituição. Esse caminho reforça a intenção do Arquivo Histórico em constituir um centro de pesquisa de referência não só sobre a cultura artística, mas também arquitetônica do Estado do Rio Grande do Sul. Embora em fase de organização, este acervo tem sido utilizado para consultas e pesquisas de alunos de diferentes cursos de Graduação e Pós-Graduação (Especialização, Mestrado e Doutorado), assim como de local de estágio para estudantes do curso de Arquivologia, além de ser importante fonte de referência para tomada de decisões na instância administrativa do Instituto de Artes.

Atualmente o Arquivo Histórico avançou significativamente em questões vitais para a socialização e difusão de seu acervo.

O acervo histórico (1908-1962) a fim de garantir sua plena disponibilização e a preservação dos originais será integralmente digitalizado e nesse sentido um *scanner* tamanho

A2 foi adquirido recentemente, isso para que sejam contemplados também os documentos em formato fora do padrão A4.

Em relação à responsabilidade do IA em garantir a preservação de seu patrimônio documental e disponibilizá-lo, assim como as ações de implementação da gestão documental nos setores do Instituto, este, apesar de ser uma unidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, alimenta uma certa autonomia nas suas decisões. Desta forma o Arquivo, juntamente com sua coordenação e Direção do IA, elabora normas, planos de trabalho, projetos, e instrumentos de gestão arquivística, tendo em vista que a UFRGS não possui um sistema de arquivos e nem uma política para tratamento de arquivos de suas unidades.

Por ser o IA a primeira unidade da Universidade a pensar num projeto de recuperação e organização de seu arquivo histórico serviu e serve de referência para outras unidades que, em função da divulgação das atividades do Arquivo do IA, acabaram sendo sensibilizadas, dando início a projetos de organização de suas massas documentais acumuladas. Neste contexto, para que o Arquivo Histórico do IA tenha uma identidade e se fortaleça como instituição arquivística, foi efetuado o seu registro, junto ao CONARQ, no Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos (CODEARQ)<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> O **Cadastro Nacional de Entidades Custodiadoras de Acervos Arquivísticos** foi instituído pela **Resolução nº 28 do CONARQ**, e visa permitir o acesso às informações sobre a missão institucional dessas entidades, seu acervo e contatos.



<b>CODEARQ:</b>	BR RSAHIA
<b>Nome da Instituição:</b>	Arquivo Histórico do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>Vinculação Administrativa:</b>	Subordinado diretamente à Direção do Instituto de Artes
<b>Endereço:</b>	Rua Sarmiento Leite, 500 - sala 114 - Centro - Porto Alegre - RS - CEP. 90050-170
<b>Telefones:</b>	(51) 3308-3391 / (51) 3308-3563
<b>E-mail:</b>	<a href="mailto:ahia@ufrgs.br">ahia@ufrgs.br</a>
<b>Site:</b>	<a href="http://www6.ufrgs.br/artes/arquivo/">http://www6.ufrgs.br/artes/arquivo/</a>
<b>Ano de Criação:</b>	1908
<b>Missão Institucional:</b>	Preservar e disponibilizar a memória institucional. Subsidiar a pesquisa inclusive através do site do arquivo.
<b>Caracterização do Acervo:</b>	O acervo está constituído pela documentação recebida e produzida pelo Instituto de Bellas Artes do Rio Grande do Sul, no período de 1908 até 1962. Constitui-se de um fundo fechado, que compreende a documentação da Administração Geral, do Conservatório de Música, da Escola de Artes, do Curso de Arquitetura e Urbanismo e curso de Arte Dramática. Atualmente, engloba a documentação do Instituto de Artes e seus departamentos- Arte Dramática, Música, Artes Visuais.
<b>Condições de acesso aos documentos:</b>	Há restrição de acesso aos documentos em precário estado de conservação
<b>Dia e horário de atendimento:</b>	De segunda a sexta-feira, das 9h00 às 17h30
<b>Serviços:</b>	Reprodução eletrostática, fotográfica e digital.

Figura 4 - Quadro de Registro do AHIA no CODEARQ  
 Fonte: Site do Conselho Nacional de Arquivos.

### 2.3 Conservatório de Música de Pelotas

O Conservatório de Música de Pelotas foi fundado em 04 de junho de 1918, nas dependências da Atual Associação Comercial. Em 18 de setembro do mesmo ano, com um importante recital de piano inaugurou-se sua sede própria, situada à Rua Félix da Cunha, nº 651, onde ainda permanece.

Resultado de um Projeto de “interiorização da cultura artística”, idealizado por José Corsi e pelo Professor e diretor do conservatório de música do IBA, Guilherme Fontainha, o

Conservatório de Música de Pelotas assume a segunda posição na lista de instituições do gênero fundada no Estado do Rio Grande do Sul.

Segundo Caldas (1992, apud NOGUEIRA, 2005 p. 77) “Este projeto idealizado por Corsi e Fontainha pretendia o “estabelecimento de uma rede de centros culturais que permitisse a circulação permanente de artistas nacionais e internacionais, além de também promover a educação musical da juventude.””

Juntamente com Pelotas, estavam incluídas no Projeto de Fontainha mais quatro cidades do interior Gaúcho, sendo elas: Rio Grande, Sant’Ana do Livramento, Bagé e Cachoeira do Sul.

Em abril de 1927, sob a direção de João Fahrion, dá-se a criação, em caráter oficial, dos Cursos de Desenho e Pintura no Conservatório. A escola passa a denominar-se Instituto de Belas Artes de Pelotas. Entretanto, em 1937 a escola volta a chamar-se Conservatório de Música de Pelotas e só em 1949 é que ocorre a fundação da uma instituição dedicada especificamente ao ensino das artes plásticas, a Escola de Belas Artes Dona Carmen Trápaga Simões, dando origem, mais tarde, ao atual Instituto de Letras e Artes (ILA) da UFPel.

Entre 1918 e 1937, a instituição era particular atendendo a um público diferenciado, isto é, pertencente as classes sociais privilegiadas. Em 1937 a sua municipalização oportunizou um aumento no número de matrículas, assim como a contratação de professores.

Em 1969 o Conservatório tornou-se uma unidade agregada à Universidade Federal de Pelotas, sendo que somente em 1983 este veio a incorporar-se definitivamente a UFPel. Desde então a Universidade passa a responsabilizar-se pela folha de pagamento de professores e funcionários do Conservatório, o que até então era atribuição do município.

O reconhecimento do Conservatório como uma unidade universitária de ensino trouxe algumas alterações no seu funcionamento, alterando denominações de atividades, por exemplo, onde as atividades de concertos oferecidos ao público, desde 1918, passaram a denominarem-se atividades de extensão universitária.

Assim, ao longo de 92 anos de atuação, o Conservatório de Música de Pelotas produziu e acumulou um inestimável patrimônio documental formando um acervo que se denomina, hoje, Centro de Documentação Musical da Universidade Federal de Pelotas.

Atualmente agregando vários pesquisadores da Música e da História, o Centro de Documentação tem por objetivos, segundo Nogueira:

[...] reunir e organizar o acervo de imagens e documentos em um único espaço, disponibilizando-o aos pesquisadores, alunos e professores; fomentar atividades de pesquisa e reintegrar, através de sensibilização na comunidade, materiais referentes à história e à prática da música na cidade de Pelotas. (NOGUEIRA, 2005, p. 94)



Figura 5 - Conservatório de Música de Pelotas – agosto de 2010.  
Fonte: arquivo pessoal - Medianeira Pereira

#### **2.4 Acervo Fotográfico do Conservatório de Música de Pelotas**

Em 1997, o Conservatório de Música da UFPel deu início ao trabalho de recuperação e organização do seu acervo de documentos e fotografias antigas com o objetivo de constituir o Centro de Documentação Musical.

Como parte integrante do projeto História Iconográfica do Conservatório de Música, a pesquisa que contempla as fotografias antigas foi objeto de trabalho da historiadora Maria Augusta Martiarena de Oliveira. Convidada por Isabel Porto Nogueira, atual Diretora do Conservatório, a historiadora foi responsável pela catalogação das fotografias.

A coleção, abrangendo o período de 1918 a 1969, foi objeto de trabalho de Maria Augusta em dois momentos distintos: o primeiro, entre 2001 e 2002, por conta de seu trabalho de conclusão do Curso de Licenciatura em História da UFPel, onde, sob orientação do arqueólogo Fábio Vergara Cerqueira, realizou a catalogação das fotografias, em preto e

branco, intitulada “Memória Fotográfica do Conservatório de Música (1918 -1969). No segundo momento Maria Augusta, sob a orientação da profª. Drª Francisca Ferreira Michelin, realizou a pesquisa “O Acervo Fotográfico do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas: caracterização e organização de ficha catalográfica.”

Esse trabalho resultou na catalogação e reprodução eletrônica das imagens, e teve como objetivo a criação de um banco de dados visando facilitar a consulta sem expor os originais.

Tal pesquisa, segundo Cerqueira e Oliveira (2005, apud NOGUEIRA, 2005, p. 43) resultou em um catálogo fotográfico que inclui as fotografias em preto-e- branco (PB), do período de 1918, ano da fundação do Conservatório de Música de Pelotas, até 1969, quando da agregação desta instituição à Universidade Federal de Pelotas, na oportunidade de sua fundação. Este catálogo fotográfico é, portanto, um estudo iconográfico da história do Conservatório de Música, baseado numa rigorosa classificação temática.

Oriundo da atuação da própria instituição e também da doação de artistas, atualmente o Acervo está constituído por 350 fotografias PB e 800 coloridas, em bom estado de conservação. Organizado segundo dois tipos de critérios, temático e cronológico, os documentos fotográficos são identificados por meio de dois localizadores: o número de inventário, atribuído na organização do acervo, em 2001, e a numeração definida no catálogo, resultado da monografia de Maria Augusta Oliveira, em 2002.



Figura 6 - Armário do Centro de Documentação.  
Fonte: Centro de Documentação Musical – UFPel



Figura 7 - Organização interna das fotografias nas pastas.  
 Fonte: Centro de Documentação Musical - UFPel

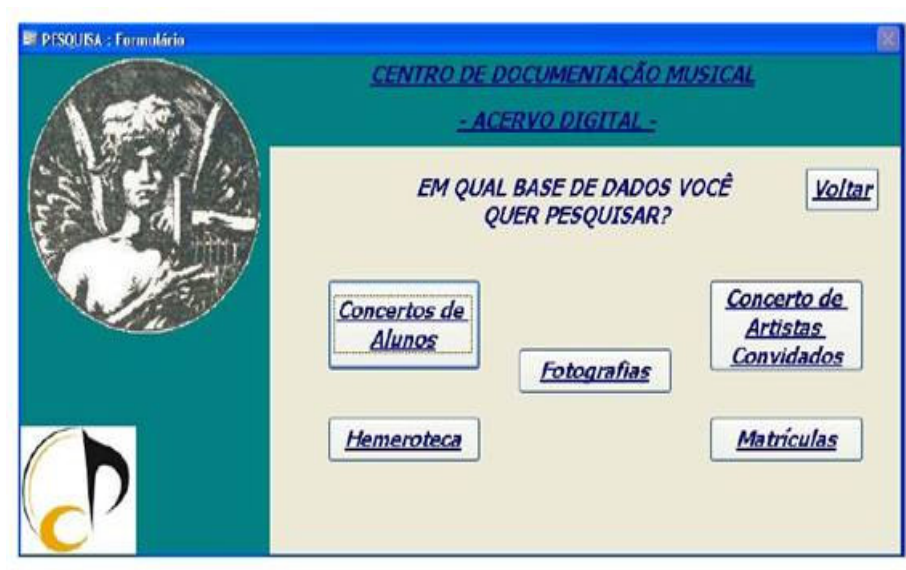


Figura 8 - Tela de abertura do Banco de Dados.  
 Fonte: Macalossi, 2008.

**FOTOGRAFIA**

Número de inventário  Pasta  / Álbum  Setor

Legenda  Forma de aquisição

Temática  Palavras chave

Colorida  Dimensões  Suporte  Apresenta  Estado de conservação

Dia, Mês, Ano  Local

Personagens

Dedicatória

Outras Fontes ou imagens relacionadas  Fotógrafo ou estúdio

Observações  Imagem

Registos: 11 de 1

Figura 9 - Formulário de Fotografia.  
Fonte: Macalossi, 2008.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO**

Este capítulo apresenta as considerações sobre os conceitos e práticas arquivísticas que fundamentaram as atividades propostas para estabelecer o entendimento e a reflexão sobre o objeto de trabalho.

Uma análise exaustiva de literatura específica permitiu a definição de alguns pontos que serão comentados a seguir:

- a) a informação, os arquivos e a arquivologia, onde considerações servirão para corroborar essa relação;
- b) acervos fotográficos, ressaltando a importância do tratamento adequado a esses documentos;
- c) o arquivista e sua função, destacando as atribuições do profissional e a importância destas frente à administração de acervos.

#### **3.1 Informação, arquivos e Arquivologia**

Momentos de reflexão crítica e sistemática conduzem ao amadurecimento de idéias, à elaboração de planos e projetos e, naturalmente, à percepção de outros fatores os quais se apresentam naturalmente em qualquer processo de investigação. Entretanto, o planejamento de ações, a sistematização de atividades, a definição de parâmetros e de instrumentos metodológicos, a investigação permanente, entre outros passos, são de fundamental importância para a elaboração de um projeto qualificado onde a flexibilidade e o aprendizado contínuo possam ser norteadores de todo o processo. E, neste sentido, conta-se com a colaboração de Domingos Armani (2004, p. 23) ao afirmar que “o fato é que um dos componentes importantes do êxito numa atividade não é o que a gente sabe, mas sim a capacidade de aprender [...]. A capacidade de buscar informações e aprender é que faz a diferença.”

Com a intenção de tornar mais claro e didático o assunto deve-se ressaltar aqui um conceito de informação. “Informação é ação e também efeito de comunicar dados, é qualquer

atributo do pensamento humano sobre a natureza e a sociedade, desde que verbalizada ou registrada” (LOPES, 1996).

Ainda sobre fazer a diferença, esta se estabelece exatamente no instante em que se tem a percepção de que outra visão, outro viés de investigação é perfeitamente possível. Tratando-se de informação esse horizonte alarga-se consideravelmente dadas as múltiplas possibilidades, tanto na interpretação, quanto no uso, assim como no interesse de cada usuário. Entre este e a informação está o vastíssimo campo das ciências da informação e, dentre estas, figura a arquivologia.

Segundo Belloto (2002, p. 5.): “o objeto intelectual da arquivística é a informação ou, mais precisamente, os dados que possibilitam a informação”, e justamente aqui talvez resida o grande diferencial das ciências que tem como objeto a informação, ou mais precisamente os registros documentais referentes à memória. Lodolini, (1989 apud ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 34) traduz perfeitamente o conceito de memória aplicado aos arquivos ao afirmar:

Desde a mais Alta Antiguidade que o homem sentiu a necessidade de conservar a sua própria “memória”, primeiro sob forma oral; depois sob a forma de graffiti e de desenhos e, finalmente graças a um sistema codificado, isto é, com símbolos gráficos correspondentes a sílabas ou a letras. A memória assim registrada e conservada constituiu e constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória, ou seja, sem arquivos. A própria vida não existiria, pelo menos sob as formas que conhecemos, se não houvesse o ADN, isto é, a memória genética registrada nos arquivos primordiais.

Circunstâncias históricas levam a crer que há muito tempo os arquivos são reconhecidos como fontes de informação, e independentemente do suporte, os registros documentais abrigam uma vasta gama de conhecimentos pertencentes a todas as áreas da atividade humana. Daí precede, talvez, alguns conflitos entre algumas outras ciências sociais e a arquivologia, como precede também a interdisciplinaridade e, porque não dizer, o enriquecimento e interação de práticas e teorias absolutamente saudáveis ao processo informacional.

Contextualizando essa afirmação destaca-se a consideração de Malheiro da Silva:

Concebida a informação como *objecto* impreciso, as disciplinas científicas correlativas, de que ressaltam, numa primeira linha, a Biblioteconomia e a Arquivologia, são obrigadas a convocar um intercâmbio metodológico com outras ciências sociais, especialmente com a Sociologia e a História. Gera-se, desta forma, uma multi e interdisciplinaridade que se estende e supera num sentido claramente transdisciplinar, confinado ao campo específico da informação social e fundado,



sobretudo, na interação das práticas e das teorias biblioteconômicas e arquivísticas, agregando-se-lhe contributos procedentes da Informática, das disciplinas ligadas à Comunidade Social e às Ciências Sociais (SILVA, 2002, p. 36).

Atualmente, amparada por legislação arquivística, reconhecida sua importância pela maioria da sociedade e, em plena afirmação como ciência, a arquivologia desfruta de momentos de maior interação social, política e econômica tendo em vista a necessidade de termos a informação precisa, em tempo hábil, e ainda preservando os registros para a memória.

Armando Malheiro da Silva afirma que:

A arquivística é uma ciência de informação social, que estuda os arquivos (sistemas de informação (semi) fechados), quer na sua estruturação interna e na sua dinâmica própria, quer na *interação* com os outros sistemas correlativos que coexistem no contexto envolvente. A condição sistêmica dos arquivos pressupõe não apenas combinações intrínsecas, mas também uma articulação com outros sistemas dos campos político-econômico, jurídico-administrativo, cultural etc. (SILVA, 2002, p. 214).

Desta forma o referido autor estabelece a intrínseca relação social dos arquivos, distinguindo-os das demais instituições detentoras de acervos – bibliotecas, centros de documentação, museus - isto é, denota as singularidades, as especificidades da natureza arquivística contida tanto nos documentos, quanto nas instituições gestoras de arquivos.

Toda produção documental se materializa no curso da tramitação administrativa, independentemente da instância em que se insere a instituição, isto é, pública ou privada, o resultado de suas atividades sempre gera registros documentais e a gestão desses registros é objeto da arquivologia. Em se tratando de responsabilidades, a administração é que tem essa prerrogativa num primeiro momento, dado o valor primário do documento e, num segundo, entra a organização, a gestão documental a fim de garantir a correta avaliação, destinação e guarda no sentido de oportunizar aos registros a sua efetiva permanência.

A partir da segunda metade do século XX algumas transformações no conceito de arquivos foram acontecendo e estiveram relacionadas especialmente ao uso, cada vez mais freqüente, de diversos suportes materiais da informação arquivística. Entretanto, o conceito de arquivo mantém inalteradas as características básicas de conjunto orgânico produzido por uma atividade jurídico-administrativa, destacando-se ainda o caráter probatório e testemunhal do conjunto documental conservado em sua organicidade.

Destacam-se desta forma os níveis de informação contidos nos arquivos, seja através daquilo que está expresso no documento propriamente dito, ou ainda através da informação contida no arquivo em si, naquilo que o conjunto, em sua forma e estrutura, revela sobre a instituição ou sobre o indivíduo que o criou.

A informação arquivística, conceito que se consolidou nos anos 90, especialmente entre arquivistas canadenses e norte-americanos, é consequência do documento de arquivo e por isso, o documento é visto como um elemento do arquivo e segundo Heredia (1991, p.32) “importa muito que não percamos de vista a tríplice dimensão do objeto da arquivística e sua ordem: arquivos- documentos de arquivo – informação.”

Neste sentido, os serviços de gestão da informação arquivística, justificam-se na medida em que se tornam indispensáveis à sobrevivência das instituições, suas operações e funcionamento. Estabelecem verdadeiros canais de informação, gerindo, distribuindo e conservando seus registros. Sendo assim, os arquivos constituem uma fonte de informação única sobre as pessoas e as organizações tornando-se, desta forma, indispensáveis à investigação histórica.

Vale ressaltar aqui as considerações de Romero Tallafigo (1994, *apud* BELLOTTO, 2002, p. 21):

A finalidade do arquivo é positiva, palpável e ética: possibilitar informação e testemunho de prova às instituições, à sociedade ou às pessoas que o solicitem. É permitir o acesso, com o instrumento documental, à memória/registro de direitos e obrigações, coletivas e pessoais. É permitir acesso também à história: o arquivo é um espetáculo da vida dos homens, um dos registros de memória permanente e coletiva dos mais completos para sustentar, com eficácia, a trama jurídica, (direitos e obrigações) do tecido social, por um lado, e para guardar a memória histórica, por outro. Sem estas finalidades sociais não teria sentido a acumulação e conservação de documentos em forma arquivística.

Retomando um pouco o termo “arquivo”, numa rápida revisão histórica, percebe-se a clara evolução do termo e sua abrangência. Desde o 4º milênio a.C formaram-se cidades e Estados no vale do Nilo e Mesopotâmia, onde a escrita desempenhou papel significativo, levando templos e palácios a terem locais onde se conservavam textos e registros de várias categorias, especialmente os que contemplavam assentos de contabilidade, relatos históricos, hinos religiosos, caracterizando desta forma verdadeiros arquivos.

As sociedades pré-clássicas (povos sumérios, egípcios, assírios e babilônios) já com um sentido mais apurado sobre leis e justiça produziam documentos bem mais característicos

tais como tratados, contratos, atos notariais, testamentos, promissórias, recibos e sentenças de tribunais, mas todos a exclusivo serviço das autoridades.

Na antiguidade clássica (gregos e romanos) apesar de os arquivos continuarem a serviço das autoridades, os cidadãos começam a ter algum contato com seus registros, especialmente os de arquivos notariais. A importância atribuída a esses registros, sua conservação e a ordem na sua organização, os cuidados com sua identidade e autenticidade já caracterizavam elementos que mais tarde viriam a ser clássicos e determinantes para a fundamentação da arquivologia. “Já nesta época os arquivos não eram meros depósitos ou reservas inertes de placa de argila. Eles constituíam já um complexo sistema de informação.” (MALHEIRO 2002, p.48).

Na idade moderna (1453 a 1889) com a criação e evolução dos estados modernos na Europa aparece a centralização do poder e passam a existir os grandes arquivos reais (os chamados tesouros do rei) e também, os arquivos notariais organizados. Nesta fase o uso dos arquivos era totalmente jurídico-administrativo, não sendo ainda utilizados para a pesquisa histórica. Os países da Europa ocidental, dos quais derivou a arquivística na América, já tinham uma organização arquivística, inclusive com legislação.

Em 1789, a Revolução Francesa marca, de forma irreversível, a história dos arquivos. Além de oportunizar uma “certa” abertura dos arquivos públicos aos cidadãos, oportuniza também a reunião da documentação oficial dispersa em Paris, resultando na criação do arquivo nacional. Entretanto, a criação de um órgão nacional com vocação para abrigar a documentação pública não foi de todo benéfica, uma vez que muito se perdeu, com a incorporação em massa, da ordem original, da organicidade. O que, de certa forma contribuiu para acordar o governo francês que emitiu em 1841 uma circular que determinava que a ordem original fosse recomposta nos arquivos departamentais e comunais. Oficialmente, pela primeira vez, se consagra então o “princípio de respeito aos fundos”.

Ainda no século XIX, vários países, inclusive o Brasil, instituíram seus arquivos nacionais, todos destinados a recolher e organizar a documentação inativa produzida nas diversas instâncias governamentais.

Pouco a pouco e em função de vários acontecimentos históricos do século XX, os arquivos administrativos, correntes da administração pública e privada e os arquivos históricos, ligados à pesquisa foram se aperfeiçoando e ocorre então a primeira aproximação entre o valor primário e o valor secundário dos documentos, nos Estados Unidos. Seguido por

outros países, a idéia se consolida, instituindo assim o fluxo documental e o aparecimento do arquivo intermediário.

A arquivística científica, desde seus primeiros passos, em meados do século XX, busca a consolidação de legislação, teorias, práticas, metodologias, terminologia e ao reconhecer o legado e a estreita relação com outras ciências tais como a história, administração, biblioteconomia, direito administrativo entre outras. Além disso, prima também pela independência como ciência, sua especificidade e seu objeto alavancam um movimento de uniformidade e entendimentos, entre distintos países, em relação à organização arquivística, suas normas, ensino e profissionalização.

O Conselho Internacional de Arquivos (CIA), desde 1948, vem fazendo uma grande diferença nessa trajetória e, com inúmeros projetos, reuniões, congressos, publicações, influencia diretamente no cenário arquivístico, alterando inclusive a mentalidade dos profissionais de arquivo.

Na década de 60, iniciam-se estudos sobre a natureza da Arquivologia, sobre normas de descrição arquivística, e mais tarde, na década de 70 surge o interesse pelos arquivos informáticos.

A preocupação com a informação, a partir dos anos 80, implica em posicionar a arquivística no âmbito das Ciências da Informação, trazendo novamente e valorização da Diplomática e o estudo sobre o valor probatório dos documentos eletrônicos.

Toda essa trajetória dos arquivos expõe de forma clara, as múltiplas relações da arquivística com outras áreas do conhecimento humano, especialmente as que dizem respeito a informação. Expõe suas heranças diretas ou indiretas e o amadurecimento e aperfeiçoamento de teorias, técnicas, vocabulários, metodologias, legislação e definitivamente a arquivística, nos últimos 15 anos, entra numa nova era onde se apresenta de forma integrada e com identidade própria.

No campo das artes, os primeiros documentos datam de 1575, destacando que desde que o homem passou a conviver em sociedade, inclusive antes da criação da linguagem, já produzia arte, isso como forma de expressão.

O conhecimento sobre pinturas e gravuras, em 1575, se deu por investigação de François de Belleforest quando publicou sua observação de desenhos na gruta de Rouffignac, na França. Estes desenhos foram atribuídos a camponeses, pastores e até mesmo fruto de manobras jesuítas.

Marcelino Sanz de Sautuola, em 1879, foi o primeiro a estabelecer relação entre as gravuras e os achados arqueológicos, ao procurar peças pré-históricas juntamente com Maria, sua filha de oito anos, que foi a responsável pelo seu descobrimento na gruta de Altamira, situada a 30 km da cidade de Santander, na Cântabria, Espanha. Nesta Caverna de Altamira, quase uma centena de desenhos feitos há quatorze mil (14.000) anos, foram os primeiros a serem descobertos. Sua autenticidade, porém, só foi reconhecida em 1902.

Posteriormente, outros registros foram sendo encontrados, de modo que na França, na Caverna de Lascaux, pinturas foram achadas em 1942, com aproximadamente 17.000 anos. Na África, foram encontrados, na Gruta da Rodésia, registros com mais de 40.000 anos. E, no Brasil, em Minas Gerais e no sudeste do Piauí, na região do Parque Nacional Serra da Capivara encontra-se também uma densa concentração de sítios arqueológicos, a maioria com pinturas e gravuras rupestres.

Alguns destes desenhos têm técnica “avançada” de pintura dando estilo de profundidade, movimento e policromia.

Há ainda registros de que o homem pré-histórico também se dedicava à escultura, pequenas peças feitas de chifre, ossos e pedra encontradas denotam verdadeira maestria na confecção. Para esculpir eram usados instrumentos de sílex, uma espécie de pederneira usada para fazer fogo.

Desta forma, à medida que revoluções culturais, econômicas científicas e tecnológicas se processaram, fatores de diversas ordens levaram à produção documental que hoje é objeto de trabalho tanto no âmbito de arquivos públicos<sup>2</sup>, quanto privados<sup>3</sup>, assim como nos centros de documentação, bibliotecas e museus.

Em função de uma diversidade de fatores, a verdade é que atualmente, contempla-se o surgimento de novas tipologias documentais, mudando inclusive o próprio conceito de documento, que considera o suporte material além da informação que ele possa conter. A renovação da teoria arquivística superou o conceito de documento vinculado indissociavelmente ao papel e isso possibilita inserir, neste contexto, as microformas, os documentos audiovisuais, os eletrônicos e sonoros, por exemplo. Da mesma forma que tipologias documentais foram sendo aprimoradas, o suporte para registrar essa informação também acompanhou o processo evolutivo, de maneira que se passou, ao longo dos séculos,

---

<sup>2</sup> Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística: Arquivo Público é “arquivo de entidade coletiva pública, independentemente de seu âmbito de ação e do sistema de governo do país.”

<sup>3</sup> Idem: Arquivo privado: “arquivo de entidade coletiva, privada, família ou pessoa. (2005, p. 35).

pelas tabuinhas de argila, ao palimpsesto, ao pergaminho, ao papel e, ultimamente, aos suportes eletrônicos.

Independentemente dos avanços tecnológicos em todas as áreas do conhecimento humano e, ainda, independente da forma com que se apresentam os documentos arquivísticos, imperioso é que se saiba como tratar, como gerenciar, como disponibilizar o conteúdo informacional presente no patrimônio documental de qualquer instituição. E, por falar em documento arquivístico, este é assim definido por Manuel Vázquez (2004, p.23):

*[...] es uno soporte modificado por un texto a él adherido que surge como resultado de una tramitación o gestión y tiene como fin impartir una orden, testimoniar oficialmente algo o meramente probar una información, útil para él trámite.*

### **3.2 Acervos Fotográficos**

Os princípios, objetivos e funções arquivísticas perduram com o passar dos tempos, porém a natureza e as particularidades dos diferentes suportes de informação exigem conhecimentos especializados, para que se cumpra o papel de garantir a conservação e preservação dos documentos, independentemente do seu suporte.

Inseridos na categoria de documentos iconográficos, os acervos fotográficos estão presentes na quase totalidade dos acervos arquivísticos e, por tratar-se de documentos especiais – em função do suporte – exigem, do profissional responsável, extremos cuidados no planejamento de intervenção para esse tipo de material.

Acompanha-se, atualmente, o uso crescente de diversas fontes documentais e segundo Silvana Goulart (2005, p. 6):

o mundo contemporâneo, onde a importância da imagem é fundamental, tem como testemunhos documentais fotografias, postais, diapositivos, películas e vídeos. Cresce o uso dessas fontes, engendrando sua consideração e até supervalorização e, exigindo novas políticas de recuperação. As histórias do urbanismo, da arte, da vida cotidiana etc. não se fazem sem a presença de materiais gráficos, cartográficos, iconográficos e figurativos.

Ao referir-se aos documentos iconográficos não se discute mais sua importância como fonte histórica e muito menos as inúmeras possibilidades associadas à imagem, possibilidades

estas que o documento textual não contempla. A compreensão da fotografia como uma forma de representação possibilita inúmeras análises e abordagens e, neste sentido, a organização do acervo fotográfico institucional pode ser o diferencial para a reconstrução histórica da mesma.

Ao afirmar que cabe ao arquivista “exercer a representação política, social, científica e educativa da instituição”, Belloto, (2002, p. 12.) estabelece a direta relação do arquivo com a administração produtora e desta, com a sociedade a qual está inserida. Sociedade esta que com o passar do tempo tem alteradas suas referências culturais, políticas e econômicas, de maneira que recorrer ao passado, seja através de documentos ou da história oral, é muitas vezes a única alternativa de contextualizar, ou apropriar-se de elementos elucidativos sobre instituições, sobre indivíduos ou a sobre sociedade na qual estejam inseridos. Nesse contexto, e para estabelecer essa ligação, o arquivista aparece como agente principal de democratização da informação.

Ao analisar documentos fotográficos percebem-se os inúmeros elementos contidos em único exemplar fotográfico, e não fazem-se referências aqui ao processamento técnico de uma fotografia. Embora não menos importante, este passa quase despercebido ao considerar-se o significado e importância do conteúdo informacional agregado a cada exemplar.

Considerando que toda a fotografia deve estar ligada a um texto, González e Arillo afirmam:

O texto e a fotografia constituem um documento não homogêneo quanto ao sistema de representação da informação, pois esta aparece veiculada através de signos icônicos – a imagem – e de signos lingüísticos – a legenda - não chegaremos á sua total compreensão se consultarmos os elementos separadamente. Por isso, o registro de identificação da fotografia, ou seu lugar de custódia, está obrigado à guarda dos textos que dão sentido, permitindo compreender seu significado (GONZÁLEZ; ARILLO, 2003, p. 122).

A fotografia, vista como arte ou como registro documental, agrega diferentes valores e alguns destes só podem ser apreendidos através da elucidação do contexto, isto é, da descrição do exemplar fotográfico.

O “ato fotográfico” envolve múltiplas relações e a muitos: o fotógrafo, o fotografado, um terceiro, o observador eventual da imagem revelada, sem que possa comunicar um único sentido, ou um que ao menos prevaleça sobre todos os outros.

As informações que situam a imagem no tempo e no espaço são de fundamental importância e são, na verdade, os recursos que subsidiam a interpretação das imagens. É

através desses recursos que o indivíduo se transporta para outra época, outras culturas, outros momentos históricos e, desse entendimento, muitos outros agentes participam, num colóquio único e relacionado apenas com o sentido que cada indivíduo pode alcançar. A dimensão desse processo e os resultados dele são próprios de cada agente observador.

Geralmente a imagem fotográfica possui certa ambiguidade natural e sendo assim a sua legenda ganha um significado ainda maior. Para Leite, (2001, p. 148): “quando não se conta sequer com uma legenda verbal, identificando as personagens, o ano e o lugar do acontecimento, a fotografia pode ser um elemento mudo, além de propiciar descodificações ambíguas.”

De posse de tais afirmações deduz-se que a relação de um exemplar fotográfico com o acervo ao qual pertence, e ainda com o universo ao qual está inserido, fica deveras enfraquecida ou até mesmo inexistente, caso não se faça uma identificação dos elementos elucidativos do contexto de produção/retratação, pois a ausência destes elementos reduz a possibilidade de acesso e conseqüentemente de uso.

As considerações de Cândido Grangeiro reforçam essa idéia.

Em outras palavras é necessário recuperar os significados deste ato de representar a própria vida – uma espécie de crônica sobre si mesmo que podia ser oferecida e exibida para todos. Os retratos, afinal, podem colocar no centro do palco os sujeitos da história: não apenas a sua obra, representada na arquitetura ou literatura, por exemplo, mas, sobretudo, o corpo e as concepções de vida dos mais diversos personagens que povoam o passado (GRANGEIRO, 2000, p. 17).

Em relação ao acesso, as instituições que priorizam o usuário, isto é, que pensam em meios mais efetivos de divulgação, como por exemplo, através da disponibilização na *World Wide Web* (www) deparam-se com várias questões de ordem legal, ética e social.

Entretanto, antes mesmo dessas questões, outras, de ordem prática e diretamente relacionadas aos exemplares fotográficos deverão estar presentes no momento de se propor uma intervenção arquivística. Fatores como o estado físico do documento, a legibilidade, a sua raridade, a qualidade técnica e estética do exemplar, entre outros, são significativamente importantes e até determinantes, no momento de se escolher, na totalidade do acervo, quais documentos deverão estar contemplados num projeto de tratamento arquivístico. Isso porque normalmente não se consegue atender a todas as necessidades do acervo de forma imediata, tendo em vista que tanto os materiais quanto equipamentos necessários, têm custo elevado,



exigindo do arquivista conhecimentos específicos e rigoroso critério nas escolhas e na seleção de serviços e materiais de consumo.

### **3.3 O Arquivista e sua Função**

Afinal quem é e o que faz esse profissional que, ainda hoje, enfrenta diariamente o desafio de se apresentar numa sociedade que muitas vezes o desconhece, ignorando suas atribuições, assim como seu campo de atuação.

Segundo Couture e Rousseau (1998), nas civilizações antigas – do Egito dos faraós - a tarefa de autenticar e de conservar os documentos era confiada a um funcionário superior do Estado a serviço do rei, assistido por escribas que transcreviam os documentos. Na Grécia, a responsabilidade sobre os documentos administrativos era confiada aos principais magistrados da cidade, os chamados “pritanes”. Em Roma, a atribuição de conservar os documentos era dos chamados “questores”, os quais eram magistrados encarregados de prestar assistência aos cônsules em questões financeiras.

No século XII, na França, por conta das comunas e cidades, encontra-se na administração, a presença de uma pessoa designada para as tarefas relacionadas aos arquivos. “É designado arquivista, secretário, guarda dos arquivos.” (ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p. 45).

Durante toda a Idade Média, os documentos relativos à administração feudal também tiveram bons gestores e conservadores. Os cartorários encarregados da guarda de diplomas foram também excelentes conservadores, uma vez que os documentos sob sua guarda constituíam provas.

Já no século XIX, o responsável pelas atividades as quais foram destacadas anteriormente, continua sendo reconhecido como arquivista, porém, em função de alguns movimentos históricos – romantismo e nacionalismo- e ainda da apropriação de novos métodos, este assume outra postura, mais relacionada a interpretar a documentação sob sua guarda. Postura esta acentuada pela vinda de profissionais formados nas escolas francesas, austríacas, espanholas ou italianas.

O Século XX realinha a diversidade de papéis exercida pelo arquivista desde a Alta Antiguidade, ampliando seu mandato e despertando o interesse pelos diversos novos tipos de arquivos. Segundo Charles Samaran (1978, *apud* ROUSSEAU; COUTURE, 1998, p.46).

O alargamento do domínio arquivístico fez-se em duas direções: por um lado os arquivos ultrapassaram, de certo modo, a administração e anexaram praticamente os arquivos administrativos; por outro, um domínio novo, com dimensões consideráveis, abriu-se diante destes, o dos arquivos privados e dos arquivos de empresas.

Atualmente, o arquivista encarrega-se da gestão de informação, isto é, tem competências e atribuições específicas para administrar, preservar e difundir o patrimônio documental sob sua responsabilidade.

A Lei N° 6.546, de 4 de julho de 1978, em seu artigo 2º, define quais são as atribuição dos arquivistas:

Art. 2º São atribuições dos Arquivistas: I - planejamento, organização e direção de serviços de Arquivo; II - planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo; III - planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias; IV - planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos; V - planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos; VI - orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos; VII - orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos; VIII - orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação; IX - promoção de medidas necessárias à conservação de documentos; X - elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos; XI - assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa; XII - desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes (BRASIL, 1978).

Naturalmente que uma legislação é sempre benéfica, fortalece, delimita e orienta. Contudo, para os profissionais que hoje atuam no Brasil, as atribuições ultrapassam em muitos quesitos àquelas apregoadas pela lei.

Movimentar-se atualmente no universo dos arquivos, da gestão da informação e da memória nunca foi uma tarefa fácil e, considerando o contexto social, político, econômico e principalmente o tecnológico, reconhece-se imperioso que habilidades sejam renovadas e conhecimentos aprimorados constantemente.

Neste sentido e apreciando ainda as atribuições do respectivo profissional é importante frisar uma das tantas atividades pertinentes ao fazer arquivístico. A descrição, sem dúvida, é

uma das mais significativas tarefas do arquivista, isso por que é através dela que fica garantido o acesso ao acervo documental.

Segundo Couture e Rousseau (1998, p. 137),

Os instrumentos de descrição documental são fundamentais e constituem a ponta de lança da arquivística, por que permitem a comunicação da informação orgânica no seio da organização, junto dos utilizadores tanto do seu valor primário como do secundário.

### 3.3.1 Processo Descritivo

Para que o arquivista chegue ao processo descritivo, inúmeras outras operações intelectuais e físicas serão necessárias, isto por que o acervo para ser passível de descrição deverá estar arranjado, isso é, os documentos classificados em níveis, tais como fundo, seção/grupo, subseção/subgrupo, série e subsérie.

Com o intuito de permitir maior entendimento ao tema, vale ressaltar alguns conceitos, como de Bellotto, que afirma que a descrição<sup>4</sup> “consiste na elaboração de instrumentos de pesquisa que possibilitem a identificação, o rastreamento, a localização e a utilização de dados”. (2004, p. 179).

Para Paes (1997, p. 126-127),

a descrição dos conjuntos documentais deve ser feita em relação à sua: -substância, indicando-se unidade de organização, funções, atividades, operações, assuntos; - estrutura, indicando-se esquema de classificação adotado, unidades de arquivamento, datas abrangentes, classes ou tipos físicos dos documentos, quantidade.

Instrumentos de pesquisa, segundo Lopes (2002, p. 10) “são ferramentas utilizadas para descrever um arquivo, ou parte dele, tendo a função de orientar a consulta e de determinar com exatidão quais são e onde estão os documentos.”

Sobre estes, interessante citá-los usando a terminologia atual, quais sejam: guia, inventário, catálogo, catálogo seletivo e índice.

---

<sup>4</sup> Descrição é o “conjunto de procedimentos que leva em conta os elementos formais e de conteúdo dos documentos para a elaboração de instrumentos de pesquisa.” (DBTA, 2005, p. 67).

Neste sentido implantar políticas descritivas não é meramente uma tarefa, é a única forma de se fazer conhecer o patrimônio documental e de garantir ao usuário da informação o pleno direito de acesso.

Os benefícios e a necessidade da descrição documental aplicada de forma séria e responsável, visando o acesso permanente e efetivo da informação são absolutamente indiscutíveis, o que talvez possa ser analisado é exatamente onde aplicá-la e em que momento da vida do documento.

Imprescindível é que se tenha claro a sua importância, considerando o acervo, sua necessidade e abrangência e, a partir daí, se defina se a descrição deverá se efetuar de uma forma mais ampla, caso dos arquivos correntes, ou se de forma específica e detalhada, visando contemplar elementos que possivelmente façam a diferença para o público pesquisador.

Em uma análise na evolução histórica da descrição arquivística permite se chegar à Idade Média através do comentário de Heloisa Belloto (2004), ao afirmar que desde o século XIII, a arquivística registra a existência de inventários de documentos de várias comunas francesas. Muitos desses velhos instrumentos de pesquisa servem ainda hoje de base para a elaboração de novos instrumentos.

Um marco na trajetória de descrição arquivística brasileira foi, em 1973, quando da publicação no Brasil do “Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos”, obra também chamada de “Manual dos Holandeses”. Esta trouxe parâmetros para os procedimentos de descrição, fortalecendo, desta forma, as bases teóricas da arquivologia.

Na década de 90 com a criação do Comitê de Planificação sobre as Normas de Descrição, e o desenvolvimento dos estudos do Grupo de Trabalho Canadano, esse Comitê, através de suas ações, possibilitou a publicação das ‘*Rules for Archival Description*’. Regras estas que, considerando princípios das práticas arquivísticas, consagraram o princípio da descrição em vários níveis, considerando do geral para o específico.

São documentos normativos para a descrição arquivística: a *International Standard Archival Description* (ISAD(G)), a Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, pessoas e Famílias (ISAAR (CPF)), Norma Brasileira de Descrição Arquivística (NOBRADE) e a ISDF.

A Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística – ISAD(G) é o resultado de uma ação do Conselho Internacional de Arquivos (CIA) que forma uma Comissão Ad Hoc para preparar uma norma internacional de descrição arquivística, intitulada de General

International Standard Archival Description, a ISAD(G). Esta norma foi aprovada, no XII Congresso Internacional de Arquivo, em Montreal, em 1992, pela comunidade arquivística internacional.

A ISAD(G) tornou-se um documento normativo, com elementos essenciais para a descrição em arquivos, e com subsídios teóricos para que outros países desenvolvessem suas normas de descrição.

Em 1999, surge a versão definitiva da ISAD(G) que foi divulgada no XIV Congresso Internacional de Arquivos em Sevilha, em setembro de 2000.

A ISAD (G) ao estabelecer um conjunto de regras gerais para a descrição arquivística, pretende alcançar alguns objetivos, quais sejam:

- a) assegurar a criação de descrições consistentes, apropriadas e auto-explicativas;
- b) facilitar a recuperação e a troca de informações sobre documentos arquivísticos;
- c) possibilitar o compartilhamento de dados de autoridade;
- d) tornar possível a integração de descrições de diferentes arquivos num sistema unificado de informação.

Estruturada em sete áreas de informação descritiva a ISAD(G) contempla 26 elementos, sendo que seis deles são obrigatórios:

- a) código de referência;
- b) título;
- c) produtor;
- d) data (s);
- e) dimensão da unidade de descrição; e
- f) nível de descrição.

A Norma Internacional ISAAR(CPF) tem o objetivo de dar “diretivas para a preparação de autoridade arquivística que forneçam descrições de entidades (entidades coletivas, pessoas e famílias) relacionadas à produção e manutenção de arquivos.” (ISAAR, 2004, p. 11).

Em se tratando da Norma Internacional para a Descrição de Funções - ISDF, publicada em 2006, pelo CIA, ao tempo em que oferece diretivas para a preparação de

descrições de funções de entidades coletivas associadas à produção e manutenção de arquivos, destaca as funções no contexto de produção dos documentos, justificando a relevância destas. Estruturada em quatro áreas de informação, a ISDF contempla a área de identificação, área de descrição, área de relacionamentos e a área de controle, cada uma com seus respectivos elementos.

E finalmente, a NOBRADE, resultado do trabalho da Câmara Técnica de Normas de Descrição Arquivística (CTNDA), órgão integrante do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), que surge em 2006 estabelecendo diretivas para a descrição no Brasil de documentos arquivísticos. Em perfeita compatibilidade com a ISAD(G) e com a ISAAR (CPF), a NOBRADE facilita, desta forma, o acesso e o intercâmbio de informações em nível nacional e internacional. Assim como a ISAD(G), a NOBRADE tem como pressupostos básicos o respeito aos fundos e a descrição multinível.

A NOBRADE contém em sua estrutura oito (8) áreas de informação e vinte e oito (28) elementos de descrição.

- a) área de identificação (local onde se registram as informações essenciais para identificar a unidade de descrição);
- b) área de contextualização (local de registro da informação sobre a proveniência e custódia da unidade de descrição);
- c) área de conteúdo e estrutura (local onde se registram a informação sobre o assunto e a organização da unidade de descrição);
- d) área de condições de acesso e uso (local onde se registra a informação sobre o acesso à unidade de descrição);
- e) área de fontes relacionadas (local onde se registra a informação sobre outras fontes que têm importante relação com a unidade de descrição);
- f) área de notas (local onde se registram o estado de conservação e /ou qualquer outra informação sobre a unidade de descrição que não tenha lugar nas áreas anteriores);
- g) área de controle de descrição (local onde é registrada a informação sobre como, quando e por quem a descrição foi elaborada);
- h) área de pontos de acesso e descrição de assuntos (local onde são registrados os termos selecionados para localização e recuperação da unidade de descrição).

Ainda considerando os 28 (vinte e oito) elementos de descrição da NOBRADE, 7 (sete) são obrigatórios nas atividades de descrição de documentos. São eles:

- a) código de referência;
- b) título;
- c) data(s); nível de descrição;
- d) dimensão e suporte;
- e) nome(s) do produtor (es);
- f) condições de acesso ( para descrições em níveis 0 e 1).

Diferentemente da ISAD(G), a NOBRADE orienta a sua aplicação para qualquer documento, independentemente do seu gênero ou suporte, isso denota a possibilidade desta norma ser perfeitamente aplicável à descrição de documentos fotográficos.

### 3.3.2 Preservação

O arquivista, ainda no exercício de suas funções, desempenha mais uma prática relevante para a sobrevivência dos acervos, isto é, necessita desenvolver políticas de preservação<sup>5</sup>.

A preservação envolve uma política global, desde os aspectos administrativos e financeiros, até as investigações científicas sobre a constituição dos materiais, assim como medidas de higienização. Envolve todas as ações que visam retardar o processo de deterioração dos documentos.

Os registros humanos da memória individual ou coletiva estão basicamente armazenados em papel, embora o avanço da tecnologia nos permita, hoje, o uso de outras mídias para garantir a preservação desta memória. É nesse contexto de memória versus preservação que reside o maior desafio dos acervos e, naturalmente, dos profissionais envolvidos no seu gerenciamento. Desafio que envolve inúmeras questões, desde a fabricação do papel, o uso na elaboração dos documentos, seu armazenamento, manuseio e guarda.

---

<sup>5</sup> Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística preservação é: “a prevenção da deterioração e danos em documentos, por meio de adequado controle ambiental e/ou tratamento físico e/ou químico”.

Atualmente, os profissionais contam com meios seguros e efetivos para identificar possíveis riscos, seja nas condições ambientais, no local de guarda e armazenamento, ou em relação aos agentes biológicos de degradação ou ainda no manuseio dos documentos.

Neste universo, os acervos estabelecem diariamente a relação de sobrevivência entre a função de armazenar e difundir informações e superar as adversidades. Adversidades estas que, aos poucos estão sendo vencidas ou pelo menos minimizadas frente ao trabalho de gerenciamento de acervos, da aplicação de padrões, técnicas e políticas de preservação no tratamento da documentação.

Um programa de preservação compreende, segundo Harvey (1993, p.216):

O conhecimento dos fatores climáticos ambientais e o seu controle visando a sua estabilidade; um plano para evitar calamidades; os processos para facilitar a recuperação dos documentos; as medidas para a segurança do acervo; a fiscalização do processo de encadernação; a contratação de especialistas em conservação; a instalação de um laboratório para realizar a conservação preventiva e as reparações simples; a consulta a profissionais para a efetivação dos tratamentos; um programa para treinamento dos funcionários; a participação ativa nos programas cooperativos de conservação; a procura de fontes alternativas de financiamento para a manutenção das atividades de conservação em grande escala, tais como programas cooperativos de microfilmagem.

Estabelecer critérios de tratamento, definir prioridades e implantar uma política efetiva de conservação preventiva, buscando colaborações de especialistas, atualizando conhecimentos referentes à conservação, restauração e preservação fazem a total diferença no sucesso de qualquer ação pretendida nestas áreas.

As ações de salvaguardar em outros meios, também envolvem questões delicadas e que passam por tecnologia, recursos financeiros, humanos e ainda políticas institucionais específicas de preservação. E, neste sentido, é possível encontrar-se reforço nas considerações de Conway (2001, p.14), quando afirma que:

A preservação, hoje, é uma noção que abarca inúmeras políticas e opções de ação, inclui os tratamentos de conservação, a aquisição, a organização, a distribuição e a operacionalização de recursos humanos, financeiros e materiais para a devida proteção às fontes de informação, com o objetivo de retardar o início da deterioração e de renovar a possibilidade de utilização dos acervos dentro do que se chama de gerenciamento de preservação.



Ainda que envolvam problemas de obsolescência tecnológica entre outros, deve-se lançar mão das medidas de substituição em outro formato, assim aparecem como boas opções a microfilmagem e a digitalização.

A microfilmagem é uma tecnologia com normas internacionais reconhecidas e comprovadas, com um custo acessível, apresentando um suporte com tempo de vida relativamente longo.

Atualmente, as iniciativas de preservação por meio da digitalização apresentam-se também como boas opções, uma vez que permitem um acesso rápido à informação, tendo em vista que documentos digitais e ou digitalizados possuem a grande vantagem de serem acessíveis através da WEB. Outro grande benefício da digitalização de acervos é a possibilidade de prolongar a vida útil dos documentos, isto é, protegem-se os originais sem privar o usuário do acesso à informação.

Dando continuidade ao assunto e reinteirando sua importância, é válido ressaltarem-se as políticas públicas referentes à preservação de acervos. Estas partem, ou pelo menos são de responsabilidade do Ministério da Cultura, tendo em vista que este é o órgão com atribuições de proteger e preservar os acervos culturais sejam estes bibliográficos ou arquivísticos.

Algumas poucas iniciativas aparecem nas bibliografias consultadas, entretanto muito tímidas frente à importância do assunto. A criação do CONARQ, segundo Zúniga, (2005, p. 197), “é um exemplo de iniciativa do Estado cumprindo com seu dever de preservar o patrimônio público”.

Corroborando essa idéia salienta-se a consideração de Teygeler, Bruin, Wassink e Zanen, (2005 apud SILVA, 2008, p. 83):

Os governos devem reconhecer a importância dos arquivos e bibliotecas e a necessidade de preservar o patrimônio cultural da nação antes que efetivos programas de preservação venham a ser desenvolvidos. Os recursos financeiros para as atividades de uma biblioteca estão vinculados ao sistema político em operação. Os orçamentos de bibliotecas e arquivos são muitas vezes tão pequenos que não há como adquirir os materiais necessários [...] a preservação é vista como um luxo. Mesmo nos países desenvolvidos os orçamentos de bibliotecas e arquivos diminuem e as atividades de preservação são frequentemente cortadas. Nesse sentido, os problemas de preservação na América Latina, na verdade, não são tão diferentes da América do Norte.

### 3.3.3 Planejamento na gestão arquivística

Ao longo da evolução histórica dos arquivos, alguns conceitos foram se fundamentando e, desta forma, estabelecendo relações muito estreitas com conceitos e teorias de outras áreas, que inegavelmente mantém laços com a arquivologia, seus princípios e técnicas. Neste sentido os novos tempos obrigam os profissionais das diversas áreas do conhecimento humano a significativas adaptações, a estabelecerem constantemente uma intercooperação, naturalmente que sem perderem suas autonomias.

A interdisciplinaridade da arquivística fortalece-se a fim de propiciar as instituições detentoras de acervos, assim como a seus agentes um amplo universo com conteúdo, técnicas, metodologia e especialmente tecnologias perfeitamente aplicáveis às ciências da informação. Ao arquivista da atualidade recai o compromisso de apropriar-se diariamente de novos conceitos, aprimorando o conhecimento a fim de acompanhar as rápidas mudanças da sociedade, especialmente às que dizem respeito à informação.

Segundo Manuel Vázquez (1993, p. 67):

[...] as políticas arquivísticas representam as estratégias que os governos e/ou os responsáveis pela gestão das instituições arquivísticas devem desenvolver com a finalidade de otimizar o funcionamento delas, de suas instalações, e de servir à administração e à pesquisa. As distintas facetas dessas políticas, devem voltar-se para a vertente administrativa, para a racionalização e utilização dos recursos documentais, assim como para a vertente do patrimônio documental. Como recursos potentes para as políticas arquivísticas, pode-se considerar a organização da informação e a boa formação e desempenho eficiente, ético e produtivo dos arquivistas.

Nesse caminho diariamente percorrido pelas instituições e seus agentes, é imperioso que se faça presente o planejamento estratégico, a gestão de qualidade assim como a implementação de políticas de preservação e socialização de acervos.

Naturalmente que todas essas questões exigem um esforço contínuo, liderança, perspicácia, comprometimento e envolvimento de todos os agentes institucionais na busca de melhorias e da eficiência em todas as atividades da gestão.

É comum as instituições esbarrem na falta de recursos, na ausência da cultura em relação à preservação de acervos, na falta de colaboração por parte de colegas e administradores, especialmente no âmbito das instituições públicas. Todas essas limitações

deverão, porém ser vencidas através de ações fundamentadas na legislação arquivística, na elaboração de projetos consistentes, na busca de parcerias e na divulgação de todas essas iniciativas. E a partir do momento em que se encontra eco na sociedade, isto é, quando uma comunidade toma conhecimento e envolve-se em uma ação que objetiva preservar e divulgar o patrimônio documental existente num acervo, certamente este é o diferencial de que todo projeto pode necessitar como garantia de seu pleno êxito. Neste sentido, conceitos e práticas da administração subsidiam de forma muito clara e precisa ações de gestão em instituições arquivísticas.

Para Naguel e Richter (1998, p. 52), a “administração e arquivo são obrigados a colaborar entre si a fim de garantirem a existência do futuro patrimônio documental.”

Segundo Djalma Rebouças de Oliveira, planejamento estratégico é:

O processo administrativo é que proporciona sustentação metodológica para se estabelecer a melhor direção a ser seguida pela empresa, visando ao otimizado grau de interação com os fatores externos – não controláveis – e atuando de forma inovadora e diferenciada. (2001, p. 37)

Desta forma, ressalta-se a importância das atuações dos profissionais das instituições detentoras de acervos em adotar uma postura diferenciada e, acima de tudo, inovadora, criando condições de trabalho, trilhando caminhos novos, testando possibilidades e assim construindo novos parâmetros de atuação, especialmente buscando interação com os fatores externos, sejam esses usuários ou possíveis colaboradores.

Sobre gestão de qualidade, de acordo com renomados autores – Banks (2004), Tenner e DeToro (1992), Deming (1990), Ishikawa (2009) e Feigendaum (2008) – esta nasceu, se criou, se consolidou e se expandiu em épocas de crise, isto é, as organizações sob pressão buscam alternativas e, de fato, a qualidade começou a se consolidar quando ela decorreu de tomadas de decisões feitas sob pressão do mercado, interno ou externo, às organizações.

Segundo Paladini, os conceitos de qualidade estão condicionados às épocas e às sociedades, sofrendo alterações de acordo com vários referenciais. “Simultaneamente, organizações e pessoas vão descartando conceitos de qualidade que consideram velhos, obsoletos, ultrapassados, inadequados ao instante que elas vivem, ou ao contexto em que estão inseridas”. PALADINI (2009, p.10)

Ainda considerando algumas colocações de Paladini, pode-se concluir que a gestão de qualidade passa a ser “gestão de qualidade total” quando suas atividades conseguirem produzir bens e serviços que contemplem requisitos capazes de garantir plena realização de todas as necessidades, preferências, desejos, gostos ou tudo aquilo que suprir as conveniências do consumidor/ usuário.

Ainda, com referência à Gestão de Qualidade Total (GQT), o conceito que melhor caracteriza e se aproxima dos arquivos é sem dúvida o aplicado pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos (EUA), este considera a GQT como:

atividade de melhoria contínua, envolvendo todos em uma organização em um esforço totalmente integrado na direção da melhoria do desempenho em cada nível da organização. Esta melhoria de desempenho é direcionada para satisfazer objetivos como qualidade, custo, prazo, missão e objetivos. [...] Essas atividades são focadas no aumento da satisfação do cliente/ usuário. (CARPINETTI, 2010, p. 23)

Certo é que clientes/usuários satisfeitos geram significativos impactos na sociedade, pois seu raio de influência depende de seu poder de comunicação e, considerando a era da internet, esse poder se torna ilimitado.

No âmbito de arquivos, especialmente os públicos, a qualidade deverá estar implícita em todas as etapas da gestão de documentos<sup>6</sup>, isso facilitará sobremaneira que o Arquivo exerça sua função de preservar e disponibilizar a informação de forma efetiva e permanente.

Hutchins (1992 apud PALADINI, 2009, p. 29) afirma que a qualidade não diz respeito a apenas um produto ou serviço específico, mas a tudo o que uma organização faz, poderia ou deveria fazer para determinar não só a opinião dos seus clientes imediatos ou usuários finais, mas também a sua reputação na comunidade, em todos os seus aspectos.

Em um sistema de gestão de qualidade, os processos de trabalho, assim como todos os procedimentos, devem ser registrados, documentados, isso para que possam ser avaliados, confirmados ou melhorados. Assim fica clara a importância vital desta consideração ao relacioná-la ao propósito dos acervos arquivísticos, sejam estes em idade corrente e seu usuário sendo a própria administração, ou ainda dos documentos de caráter permanente, onde os usuários/pesquisadores ultrapassam os limites institucionais, sendo oriundos de diversos

---

<sup>6</sup> Gestão de Documentos: o conjunto de procedimentos e operações técnicas referentes à sua produção, tramitação, uso e arquivamento em fase corrente e intermediária, visando a sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente. (Lei 8.159/ 1991, art. 3º)

setores da sociedade e, portanto disseminadores, tanto da instituição, quanto de seus serviços a uma imensa diversidade de público.

Indiscutivelmente, o patrimônio documental só será efetivamente preservado, oportunizando que o Arquivo cumpra seu papel social, atendendo direitos de cidadãos e facilitando a investigação histórica, se a instituição optar por uma política concreta de gestão da informação baseada no planejamento estratégico e nos princípios de gestão da qualidade total.

#### 3.3.4 Difusão de acervos fotográficos

Indiscutivelmente, a difusão de acervos é uma das ações fundamentais para uma efetiva administração de acervos independentemente de seu objeto de trabalho, ou seja, documentos arquivísticos, bibliográficos ou museológicos.

Importante é não subestimar a força de ações envolvidas num processo de difusão de um acervo e seu potencial. Experiências muito bem sucedidas são exemplo do poder de uma divulgação bem estruturada, isto em função da visibilidade que a instituição adquire após instaurado tal processo. Conforme Perez (2005), o processo de difusão vem a ser a divulgação, o ato de tornar público, de dar a conhecer o acervo de uma instituição, assim como os serviços que esta coloca à disposição de seus usuários.

Naturalmente que essa perspectiva exige um planejamento no sentido de priorizar atividades de gestão da informação a fim de que problemas no atendimento ao usuário não venham a descaracterizar o arquivo e seus serviços. Tanto a informação deverá estar acessível, assim como a equipe preparada para possíveis impactos gerados pela divulgação da Instituição arquivística.

Segundo Comeche, (1995, p.101 apud PEREZ, 2005) a difusão documental é definida como:

*En su sentido más amplio, lá definición de difusión documental debe ajustarse a la definición de todo proceso informativo. Así, en una generalización máxima, se entiende por lá difusión documental lá puesta a disposición del receptor de los*

*mensajes, en nuestro caso particular, de los mensajes documentales o de los mensajes referenciales.*

Sobre a difusão de acervos fotográficos é relevante considerar-se a contribuição de Sanchez Vigil (1999, p. 157):

*La difusión del documento es operación fundamental cuando se trata de fotografías. En su carácter independiente no presenta problemas, puesto que la lectura de la imagen la realiza el receptor y es él quien assume la responsabilidad en el análisis.*

Segundo Belloto (2004), a difusão arquivística pode ser analisada sob os enfoques cultural, editorial e educativo. Cada um deles promove ações específicas, apresentando características distintas de acordo com a abrangência do seu campo de atuação.

Cruz Mundet, também traz importantes colaborações no sentido de enumerar formas e recursos que podem sustentar o processo de difusão de acervos documentais.

1. **El folleto publicitario:** con información general sobre el archivo, sus fondos y servicios. Debe ser breve, de fácil lectura, libre de jerga profesional, ilustrado, e irá dirigido al mayor número posible de lectores. 2. **El boletín informativo:** es una publicación periódica que recoge noticias sobre las actividades del archivo, destaca lo más importante sobre los fondos de nuevo ingreso, temas de investigación, etc. Debe ofrecer una imagen atractiva al tiempo que carente de ostentación, e irá dirigido a los especialistas así como al público interesado por lo que ha de poseer un estilo claro, resuelto y sin tecnicismos. 3. **El uso de los medios de comunicación:** siempre que se produzca algún acontecimiento relevante entre las actividades del archivo tales como conferencias, mesas redondas, jornadas... Asimismo cabe la posibilidad de publicar artículos divulgativos y noticias relacionadas con fechas memorables y aspectos llamativos de la historia que pueden despertar el interés del gran público. 4. **Las visitas concertadas y guiadas:** también sirven para acercar los archivos a los ciudadanos y darles a conocer los servicios que prestan, sus fondos... 5. **El toque personal del archivero:** tiene una incidencia fundamental en una imagen que se proyecta. Las relaciones con los usuarios y La apertura hacia el exterior en forma de colaboración con asociaciones culturales, científicas y con publicaciones; ofreciendo las instalaciones para la presentación de libros, la colaboración con las oficinas de turismo, la convocatoria de premios de investigación... son bazas a jugar para difundir el archivo. (1994, p. 73).

Cruz Mundet, ainda referencia duas outras formas de difusão, quais sejam:

**Exposiciones:** Las exposiciones de documentos históricos están dirigidas a todo tipo de público y su efecto más positivo consiste en atraer a esa gran parte de la población que, de otro modo não se acercaría al archivo. **El servicio educativo:** Las concepciones pedagógicas desarrolladas en La segunda mitad de este siglo, que propugnan como ideal una enseñanza que potencie la observación y la experimentación del alumno, así como el enorme desarrollo experimentado por la

*historia local, han sido las condiciones de posibilidad para la creación de servicios educativos en los archivos. (1994, p.74)*

Sobre acervos fotográficos, Blaya Perez (1995, p. 3), complementa as considerações de Mundet, acrescentando outras formas, outros recursos de difusão de acervos.

**Informativos eletrônicos** que têm um custo reduzido e são dirigidos para um publico específico, que pode ser formado pelos usuários reais (que freqüentam os arquivos) e também pelos usuários potenciais (público a ser conquistado); **Publicação de guias, inventários, catálogos**, etc. além de auxiliarem nas pesquisas servem como material de divulgação; **Trabalhos acadêmicos** feitos pelos usuários e também pelos funcionários da instituição; **Apresentação de trabalhos em congressos**, seminários, etc. pelos funcionários e usuários para divulgar as atividades desenvolvidas e pesquisas realizadas; **Promoção de cursos**, palestras, seminários, congressos, etc. com a presença de conferencistas de renome; **CD-DVD** com imagens digitalizadas para serem colocadas a disposição dos usuários; **Gravação de vídeos** com documentários sobre temas específicos; **Impressão retrospectiva de cartões postais**, fotografias e pôsteres para distribuição ou comercialização; **Publicação de livros técnicos** sobre temas como: acondicionamento, conservação, restauração, técnicas fotográficas, etc.; **Sistema de vídeo conferência** para a apresentação de palestras, seminários e trabalhos utilizando os recursos oferecidos pela Internet; **Elaboração de páginas na Internet** que possibilitem aos usuários fazerem pesquisas “*on line*”; **Projeção de reproduções** das fotografias mais significativas. Estas projeções podem se realizar na instituição ou em eventos externos como feiras, congressos, seminários, encontros, etc. **Confecção de material de divulgação** como, por exemplo, canetas, chaveiros, régua, adesivos, estojos, etc. que poderiam ser comercializados pela instituição como forma de ingresso de receita.

Desta forma, os profissionais de instituições detentoras de acervos podem recorrer a variadas formas de divulgação, a fim de que promovam seus acervos junto à comunidade. Importa nesse universo todo que se identifiquem os recursos mais adequados de acordo com as características do acervo, suas necessidades, seus serviços e, acima de tudo, com o potencial de seus registros, bem como sua missão institucional.

## 4 METODOLOGIA

A pesquisa é de natureza aplicada uma vez que objetiva gerar conhecimentos para a aplicação prática dirigida às soluções de problemas específicos.

Quanto aos objetivos, essa pesquisa caracteriza-se como sendo exploratória e explicativa. A pesquisa exploratória se justifica na medida em que visitas a instituições foram efetuadas, com vistas a compreender outras experiências de trabalho com o mesmo objeto: fotografias. E, explicativa, em função de buscar explicar e justificar uma teoria a respeito de um fato, ou seja, a viabilidade de identificar acervos com o auxílio de membros da comunidade.

Quanto aos procedimentos utilizados, estes foram do tipo experimental, documental e bibliográfico. O experimental se caracterizou ao fazer-se uso de uma amostra de duzentos e dois (202) itens, os quais representam um universo de dois mil (2000) exemplares fotográficos; quando os dados foram obtidos através da investigação em acervos documentais de instituições ligadas às artes no RS, caracterizou-se a pesquisa documental. E, ainda a análise e estudos de bibliografias e trabalhos cujo foco é o mesmo objeto deste trabalho, caracterizam a pesquisa bibliográfica.

Considerando a forma de abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa. Segundo Baptista e Cunha (2007, p.173):

A pesquisa qualitativa focaliza a sua atenção nas causas das reações dos usuários da informação e na resolução do problema informacional, ela tende a aplicar um enfoque mais holístico do que o método quantitativo. Além disso, ela dá mais atenção aos aspectos subjetivos da experiência e do comportamento humano.

Abordagem de forma qualitativa se justifica nessa ação uma vez que não se pretende analisar o número de vezes em que uma variável aparece e, sim, com que qualidade ela aparece. No caso, a variável em questão é a participação do colaborador, isto é, não importa o número de acessos que um exemplar fotográfico irá obter, importa a qualidade do comentário inserido sobre este exemplar.

As ações desenvolvidas para a consecução deste projeto envolveram um planejamento sistemático contemplando reuniões, busca de parceiros, de recursos materiais e humanos entre



outros, de maneira que os limites institucionais foram ultrapassados, ocasionando então, o envolvimento de outros setores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), assim como da sociedade gaúcha.

Com o intuito de atingir os objetivos propostos, as ações contemplam cinco momentos distintos: a constituição do site do arquivo; a escolha e digitalização das imagens a serem disponibilizadas; a divulgação do site e da pesquisa; a investigação no Conservatório de Música de Pelotas e a análise da difusão do Arquivo.

A fim de contextualizar o trabalho, descrevem-se aqui os procedimentos de cada fase, de forma detalhada e objetiva.

#### **4.1 Procedimentos Metodológicos**

As cinco etapas distintas, deste trabalho, desenvolveram-se de forma coordenada, integrada e plenamente controlada de maneira que todos os processos pudessem ser analisados ao longo de sua execução visando o pleno domínio da avaliação de seus resultados.

##### **4.1.1 Construção do Site para o AHIA**

A primeira atividade do projeto de pesquisa se caracterizou pela busca de parceiros e colaboradores para auxiliar na construção do site do arquivo e na forma legítima de viabilizar esse espaço. Essa legitimidade se efetuou com o estudo das recomendações do Arquivo Nacional para a construção de *websites* e ao proceder-se o contato com o Centro de Processamento de Dados (CPD) da UFRGS.

Considerando que o Instituto de Artes é uma das unidades integrantes da UFRGS e, portanto, sua autonomia em relação a alguns procedimentos é relativa, fez-se necessário, logo após a decisão de optar por um espaço virtual exclusivo do Arquivo, o contato com o CPD. Desta maneira, a solicitação de espaço no servidor foi justificada em função da necessidade

do Arquivo de criar um local específico onde a acessibilidade atingisse um maior número de usuários.

As tratativas com CPD envolveram reuniões, conversas telefônicas, correio eletrônico, uma vez que além das justificativas para a solicitação do espaço, havia a necessidade de buscar-se um maior entendimento sobre os programas disponíveis, sua possibilidade de uso, assim como a adequação destes aos requisitos defendidos para uso no ambiente da Universidade. O CPD mantém discussões a fim de criar padrões para um futuro sistema de arquivos e museus na UFRGS, de forma que uma futura integração entre os bancos de dados possa ficar garantida, independentemente do *software* utilizado.

Uma vez atendida a solicitação de hospedagem do site pelo administrador de serviço *web* da UFRGS - CPD, a página virtual do Arquivo foi disponibilizada na rede mundial de computadores<sup>7</sup>.

Destaca-se aqui a observação das Diretrizes gerais para a construção de *websites* de instituições arquivísticas, elaboradas pelo Conselho Nacional de Arquivos.

O *website* [...] deve ser visto como um instrumento de prestação de serviços – dinâmico e atualizável – e não simplesmente como a reprodução de um folder institucional. Trata-se, na verdade, de um espaço virtual de comunicação com os diferentes tipos de usuários da instituição a ser gerenciado como parte da política de informação da instituição. Dado o potencial e as características da internet, este espaço, além de redefinir as formas de relacionamento com os usuários tradicionais, poderá atrair outros que por várias razões, difícil ou raramente procurariam [a instituição] [...] como realidade física. (CONARQ, 2000).

Com relação ao *software* a ser utilizado, algumas opções foram analisadas, posições revistas e examinadas várias situações, a fim de amadurecer ideias e, a partir disso, decidir por um programa que garanta a interoperabilidade, permitindo que as necessidades e especificidades de cada tipo de acervo sejam plenamente atendidas.

Ao longo de cinco meses foram realizadas reuniões semanais com a equipe de colaboradores, a qual se constituía de dois arquivistas e um especialista em informática e fotografias. Buscou-se, durante esses encontros, definir a estrutura do *site*, as informações a serem utilizadas, os dados a serem disponibilizados, as imagens a serem usadas inicialmente, e a delimitação de responsabilidades nas atividades de alimentação deste, entre outras questões.

---

<sup>7</sup> <http://www.ufrgs.br/artes/arquivo>.

Com relação ao programa a ser utilizado, entre as opções mais discutidas estavam o ICA-AtoM, o Aleph, o SEPIADES e o Donato.

Neste sentido vale ressaltar algumas considerações sobre o SEPIADES e o sobre o ICA-AtoM, os dois programas considerados mais adequados às necessidades do Arquivo.

#### 4.1.1.1 O SEPIADES

Trata-se de um software livre, de código aberto, que surge em função da necessidade de acesso às coleções de arquivos e bibliotecas. O modelo de descrição para coleções fotográficas Sepiades ( *SEPIA Data Element Set*), criado com base na ISAD (G) é o resultado de uma iniciativa europeia que visa a preservação e difusão de documentos fotográficos.

Em 1999, o Projeto Europeu de Arquivo Visual (European Visual Archive - project (EVA)) a partir de um estudo sobre preservação e digitalização de coleções fotográficas europeias, apontou para o uso de inúmeros modelos descritivos, incluindo ainda algumas adaptações para descrição de acervos fotográficos.

Desta forma, inicia-se o Programa Europeu de Salvaguarda de Imagens para Acesso (*Safeguarding European Photographic Images for Access – SEPIA*) com o objetivo de definir o papel de novas tecnologias na preservação das coleções fotográficas históricas, bem como de criar um conjunto básico de elementos para descrição de fotografias.

Assim constituiu-se o SEPIADES, um modelo de descrição multinível que permite a inserção de metadados que facilita a uniformização universal da descrição de acervos fotográficos.

O SEPIADES pode ser utilizado para descrever qualquer tipo de documento. Entretanto, exige adaptações às necessidades de cada instituição, tendo em vista que seu desenvolvimento foi exclusivo para fotografias.

#### 4.1.1.2 O Software ICA-AtoM

O ICA-AtoM é um *software* de código aberto, resultado de uma colaboração entre o *International Council of Archives* (ICA) e diversos outros parceiros e patrocinadores, tais como a *United Nations Educational Scientific and Cultural Organization*, (UNESCO), a Escola de Arquivos de Amsterdam, a Direção dos Arquivos da França, o Banco Mundial, entre outros.

Baseado nas normas de descrição arquivística ISAD(G) e ISAAR(CPF) do CIA, e compatível com formatos de intercâmbio como o EAD-DTD<sup>8</sup> e Dublin Core<sup>9</sup>, o ICA-AtoM além de ser suficientemente flexível para a adaptação de outras normas de descrição, permite ainda o *download* gratuito de todos os programas necessários à sua utilização.

Traduzido para várias línguas, através do esforço coletivo de pessoas do mundo todo, o ICA-AtoM permite que todas as interfaces do usuário, elementos e conteúdo da base de dados sejam traduzidos em diversos idiomas, característica esta que facilita sobremaneira o seu uso em diversos países, contribuindo para fortalecer a ideia de padronização da descrição arquivística.

Outra característica interessante, especialmente considerando que se trata do uso em uma Universidade, é que este *software* pode ser utilizado por uma instituição para sua própria descrição (Arquivo do IA) ou ainda pode ser definido como um “multiarquivos”, uma “lista de união”<sup>10</sup>, aceitando descrições de qualquer número de Instituições Arquivistas, o que possibilita a criação de redes arquivísticas de representação de acervos (descrições e imagens digitalizadas).

Entre as experiências de instituições brasileiras que fazem uso desta ferramenta podem-se considerar algumas, tais como: Arquivo Público da Bahia, a Academia Brasileira de Letras, a Fundação Oswaldo Cruz entre outras que já iniciaram um estudo visando o uso deste *software*.

---

<sup>8</sup> EAD-DTD - Encoded Archival Description – Document Type Definition.

<sup>9</sup> Dublin Core - um esquema de metadados que visa descrever objetos digitais, tais como vídeos, sons, imagens, textos e sites da web. É mantido pela Dublin Core metadata Initiative. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Metadados>>. Acesso em 26 de set.2010.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://ica-atom.org/>>. Acesso em 15/08/2010

Uma vez concluídos os estudos sobre os programas acima apresentados, a equipe do AHIA, baseada nas considerações do CPD e, após análise de algumas características do ICA-AtoM, tais como: estabelecer uma correlação entre várias normas – ISAD(G), ISAAR(CPF) e ISDIAH – possibilitar uma descrição multinível para qualquer tipo de documento; oferecer uma versão amigável de instalação; conter ampla e diversificada bibliografia; permitir uma avaliação da experiência de uso em outras instituições, entre outras questões, concluiu que este *software* é o que melhor se adapta às necessidades atuais do Arquivo.

Esta escolha se justifica ainda, na medida em que o acervo fotográfico é apenas uma pequena parte na quantidade e diversidade de documentos pertencentes ao Arquivo e, que uma vez digitalizados deverão ser disponibilizados no *site* do Arquivo. Por isso, o objetivo proposto neste estudo foi plenamente atendido através do uso do ICA-AtoM, apesar de que nesta primeira fase foram contemplados somente fotografias e, neste caso a ferramenta mais indicada seria o *software* SEPIADES, entretanto, tendo em vista a continuação do Programa de Revitalização do acervo optou-se pelo ICA-AtoM permitindo o armazenamento de todo o acervo do AHIA.

#### **4.2 Seleção, Digitalização e Descrição das Imagens**

Num universo que contempla em torno de dois mil (2000) itens, a escolha de quais serão objetos da pesquisa proposta não é uma tarefa fácil, porém é imprescindível que esta seja executada com cuidado, com parcimônia, levando-se em consideração alguns critérios, tais como: demanda, condições físicas, importância dentro do grupo a que pertencem, por exemplo.

Este trabalho foi resultado de uma análise referente a cada registro fotográfico, assim como do número de vezes e o motivo pelo qual o exemplar foi solicitado. Em relação ao estado físico foram priorizados os documentos com maior fragilidade de suporte.

Em relação à importância atribuída a cada exemplar esta se dá em duas dimensões: a histórica e a política.

A dimensão histórica está fundamentada na relação estabelecida entre cada exemplar fotográfico e o contexto institucional no momento em que se processou a imagem. Isto é, cada imagem representa o registro de vivências cotidianas, de eventos e personagens do IA. Caso

estas fotografias não tivessem sido até aqui “preservadas”, uma grande lacuna estaria aberta na reconstrução da história institucional do IA.

A dimensão política se estabelece nas características institucionais do próprio Arquivo Histórico, isto é, nas questões que abrangem as políticas já estabelecidas, especialmente em relação à preservação e socialização dos documentos pertencentes ao Arquivo.

Fulgueras (2001 apud BELLOTTO, 2002, p. 16) considera que:

O objetivo de organizar e conservar adequadamente os arquivos adquire toda a sua dimensão cidadã, se assumirmos que estes centros colaboram muito diretamente no crescimento, entre outros, dos valores do patrimônio público, memória, identidade e conhecimento, os quais, e não por acaso, se associam normalmente às finalidades irrenunciáveis do moderno conceito de cultura.

Ao recuperar este acervo busca-se em primeira instância garantir ao cidadão o seu direito à informação, e em segunda, oportunizar a sociedade gaúcha a participar da reconstrução da identidade de uma instituição que faz parte do cenário dessa sociedade desde o início do século XX. Com isso, visa além da divulgação do acervo, permitir que a mesma venha a contribuir com documentos que possam enriquecê-lo e agregar valores ainda mais significativos para a história das artes, no Sul do país.

A digitalização de documentos é vista hoje como uma grande estratégia de preservação, assim como de socialização de acervos. Ao mesmo tempo em que protege o documento original, a digitalização de documentos permite disponibilizar a informação de maneira mais ampla e eficiente, atingindo um público maior, num curto espaço de tempo, e permitindo ainda uma interface dinâmica entre a instituição detentora do acervo e o público pesquisador.

De acordo com Innarelli (2009, p. 26-27):

[...] os documentos digitais podem ser gerados de três formas: por meio de sistemas informatizados através de dados contidos em sistemas gerenciadores de bancos de dados (SGBD), por processo de digitalização e/ou diretamente com uso de um *software* ou sistema específico.

Entretanto, as precauções que se deve ter com tais documentos independem da forma pela qual foram criados, importa é que sejam tratados adequadamente tendo garantida a sua preservação e o acesso contínuo para que possam cumprir seu papel na democratização da informação arquivística.

Com este propósito, um pequeno número de fotos foi digitalizadas e colocadas à disposição do público através do *site* do arquivo. O acesso a esses documentos se efetua através de um cadastro de usuário, procedimento este que garante à instituição conhecer o colaborador/informante.

Dispostas em três álbuns – exposições, grupos e formaturas - as imagens encontram-se disponíveis na “galeria de imagem”. Esta amostra de imagens ficou disponível no *site*, no período de maio a setembro de 2010.

#### Segundo Marconi e Lakatos:

Nem sempre há possibilidade de pesquisar todos os indivíduos do grupo ou da comunidade que se deseja estudar, devido à escassez de recursos ou à premência do tempo. Nesse caso, utiliza-se o método por amostragem, que consiste em obter um juízo sobre o total (universo), mediante compilação e exame de apenas uma parte, a amostra, selecionada por procedimentos científicos, (2005, p. 165).

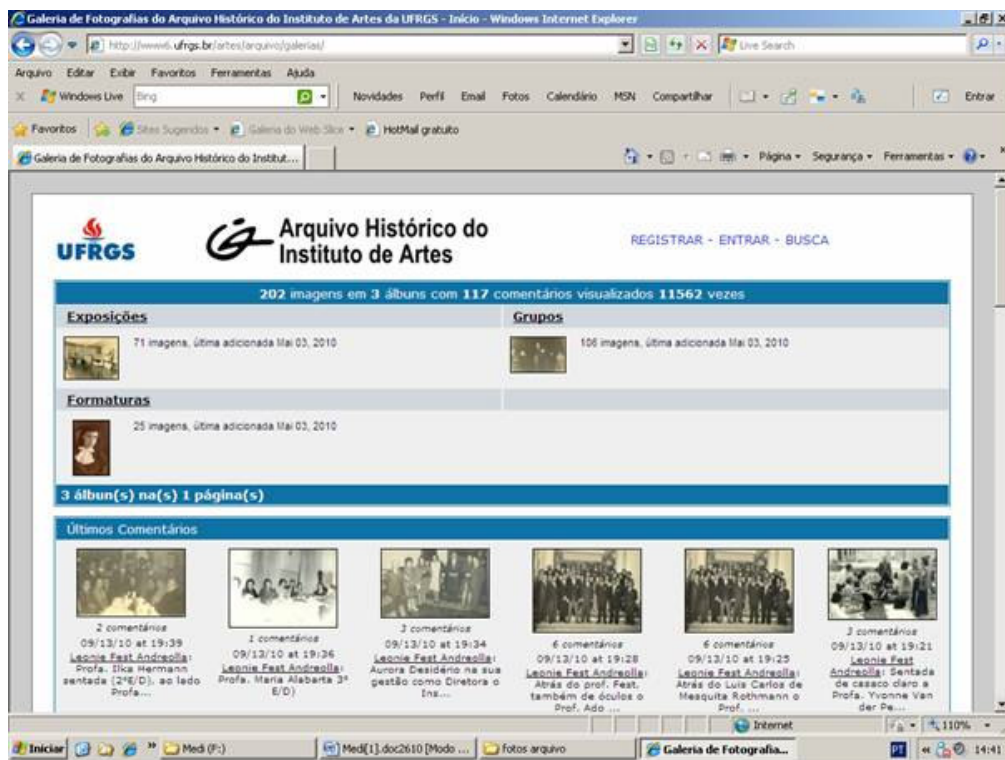


Figura 10 - Visualização da página da galeria de imagens com os três álbuns disponíveis e algumas fotos já comentadas.

Fonte: Site do AHIA

A respectiva galeria foi baseada no *software* Coppermine, que é uma ferramenta para a administração de galeria de imagens e álbuns de fotos com recursos para a edição simples e envio via File Transfer Protocol (FTP).

Entre as funcionalidades mais significativas do Coppermine, as quais foram decisivas para a sua escolha, pode-se citar: a organização de imagens em categorias e álbuns; informação das imagens armazenadas em banco de dados; administração de usuários; comentários de usuários, sistema avançado de busca; suporta vários tipos de mídias; exibição aleatória de imagens, entre outras.

Ressalta-se que essa galeria foi utilizada apenas durante o período em que as imagens estavam disponíveis para identificação do público. Uma vez identificadas, as imagens são retiradas da Galeria de Imagem, descritas através da NOBRADE e disponibilizadas de forma definitiva no site do arquivo, através do ICA-AtoM.

Uma ação intermediária foi utilizada em relação às informações dadas pelos colaboradores. Em alguns exemplares, como forma de conferir a veracidade dos dados e informações, foi utilizado o *software* Picasa versão 3.8. Este é um programa de computador que inclui a edição digital de fotografias, cuja função principal é organizar a coleção de fotos digitais, presentes no computador, de forma a facilitar a procura por fotografias específicas por parte do usuário do *software*. Entre suas características, talvez a de maior utilidade para o Projeto em questão, seja a de permitir o reconhecimento facial, criado a partir da versão X<sup>8</sup>.

A tabela 1 demonstra o número de imagens disponibilizadas para a comunidade através do *site* e o respectivo comportamento desta comunidade via digital ou através de visitas *in loco* ao arquivo..

Tabela 1 - Demonstrativa das imagens disponibilizadas para a comunidade

<b>Álbuns</b>	<b>Número de imagens disponibilizadas</b>	<b>Número de imagens comentadas através do site</b>	<b>Número de imagens comentadas através de visita ao Arquivo</b>
<b>Exposições</b>	71	71	32
<b>Formaturas</b>	25	03	22
<b>Grupos</b>	106	106	67

Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa





Figura 11 - Apresentação dos percentuais de imagens por álbum.  
 Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa



Figura 12 - Apresentação dos percentuais de imagens comentadas por meio do *site* do arquivo.  
 Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa



Figura 13 - Apresentação dos percentuais de imagens comentadas através de visitas ao Arquivo  
 Fonte: Elaborada pela autora com base na pesquisa

Desta maneira fica elucidada a investigação junto à comunidade e o retorno desta em relação a cada álbum e a cada forma de participação, isto é, por meio do *site* do arquivo ou, ainda, através da visita ao Arquivo Histórico.

Sendo assim, do total de 202 imagens disponibilizadas, 180 delas foram comentadas através do *site*, por outro lado, 121 imagens do total de 202 foram comentadas através de visitas ao arquivo, o que demonstra que independente da forma, a comunidade participou ativamente do processo de identificação das imagens.

Os dados levam a crer que todas as imagens foram comentadas, permitindo assim que dados e informações fossem apreendidas e utilizadas na descrição das fotografias. Trabalho este que se complementou por meio da pesquisa no Acervo Fotográfico do Conservatório de Música de Pelotas e no acervo do AHIA.

#### **4.3 Divulgação do Projeto e do Arquivo histórico do IA / UFRGS**

Ainda na fase de elaboração do Projeto, a Direção do Instituto de Artes foi comunicada da ação pretendida, onde foram feitos esclarecimentos sobre o respectivo projeto, sua justificativa, objetivos, benefícios e seu impacto nas relações sociais existentes entre o Instituto e a comunidade artística. Desta forma buscou-se identificar quais meios institucionais poderiam ser disponibilizados, assim como os recursos midiáticos que poderiam ser utilizados na ação de divulgação, visando sensibilizar a sociedade no sentido de que esta viesse a contribuir com a causa maior do arquivo, isto é, a preservação e a divulgação do patrimônio documental do Instituto de Artes da UFRGS. . E nesse sentido destaca-se a consideração de Otacílio Marques (2010, p. 123):

Quando são simulados de maneira adequada na internet, os espaços de memória de qualquer instituição tornam-se um instrumento fundamental na consolidação da identidade institucional, pois além de potencializar o acesso a documentos, objetos e informações que antes estavam restritos a um local, de forma estática, é possível recuperar outros fragmentos da memória do órgão.

Deste modo, obteve-se o total apoio da Direção e o reconhecimento da importância do Projeto. Inicialmente a ideia era a divulgação através de correspondência eletrônica

endereçada tanto ao público do IA, bem como aos usuários do Arquivo Histórico. Entretanto, alguns contatos com os meios de comunicação da universidade permitiram ampliar as pretensões iniciais, de maneira que outros meios midiáticos também foram utilizados.

A primeira entidade a apoiar o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico foi a Associação dos Professores da UFRGS (ADUFRGS). Através de uma pesquisadora do Arquivo, que também é jornalista na respectiva associação, foi possível a publicação no mês de maio de 2010 de um artigo ilustrado mencionando o projeto, seus objetivos, dando ênfase ao convite à comunidade para participar, através do site, com informações e dados. (Anexo A)

No âmbito da Universidade, duas formas de divulgação foram utilizadas: a primeira, na página principal da UFRGS, através do Agendão, (anexo B); a segunda, através do jornal da universidade, (anexo c).

Ultrapassado o espaço universitário, alguns jornais interessaram-se pela divulgação da notícia, mediante contato do setor de eventos do IA, de maneira que duas publicações merecem destaque: a do Jornal do Comércio (anexo D) e do Jornal Zero Hora (anexo F).

Segundo Bellotto (2002, p. 14):

As Instituições que atuam na área de preservação do patrimônio histórico e cultural devem promover uma política de divulgação de suas atividades e de esclarecimento de suas práticas e instrumentos de ação a fim de estabelecer amplos canais de comunicação com todos os seguimentos da sociedade, de modo claro e direto.

As ações de divulgação atingiram ainda dois canais de televisão, resultando em duas entrevistas sobre o respectivo projeto. O Programa Estação Cultura da TV Cultura e o Programa Camarote TV COM da RBS TV concederam excelente espaço de divulgação no dia 17 de junho de 2010, às 19h: 30 min e às 21h, respectivamente.

Diante dessas efetivas ações de divulgação, a sociedade gaúcha, assim como outros Estados, tomou conhecimento da proposta de Revitalizar o Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do IA e essa afirmação se concretiza através dos inúmeros contatos recebidos de diversos Estados, especialmente do Rio Grande do Sul.

#### **4.4 Investigação no acervo do Conservatório de Música de Pelotas.**

Um dos passos mais significativos nesse processo foi, sem dúvida, a investigação no Conservatório de Música de Pelotas.

Importante esclarecer sobre os motivos, os quais levaram a ideia de investigação em outros acervos ligados às artes no interior do Estado.

O IA, como já dito anteriormente, foi a primeira instituição dedicada ao ensino das artes, no Estado, e por esta razão serviu de apoio para outras iniciativas no interior, no sentido de criar outros conservatórios, assim como escolas de artes. Agentes do IA, professores, alunos, artistas da sociedade Porto-alegrense alavancaram esses ideais, sendo efetivamente decisivos na realização deste propósito.

As histórias institucionais do Conservatório de Música de Pelotas e do Conservatório de Música do IBA misturam-se, assemelham-se, deixando em evidência características muito próprias das administrações da época, dos concertos, solenidades e, inclusive do ensino da música, especialmente ao que se refere ao piano.

Um fato muito interessante que merece destaque é referente às administrações de Tasso Corrêa, no IBA, e de Milton de Lemos no Conservatório de Pelotas que duraram respectivamente 22 e 30 anos (1923 – 1945).

Importantes referências do IA e seus agentes foram encontradas, servindo de base para comparações entre as ações administrativas e os eventos realizados nas duas instituições, isto em função de a maioria dos professores e concertistas atuarem paralelamente nas duas instituições.

Assim como Instituto de Artes, em 1962, se tornou federalizado entrando definitivamente para a UFRGS, o Conservatório de Música de Pelotas, em 1969, passou a ser uma unidade agregada a UFPel.

Esta pesquisa permitiu o conhecimento sobre a riqueza dos registros documentais acumulados, bem como as tipologias de documentos que eram produzidas no Conservatório de Música de Pelotas, caracterizando suas funções administrativas de ensino, pesquisa e extensão no ensino da Música, desde 1918.

O Acervo fotográfico das duas instituições citadas tem muito em comum, denotam certas características da época, com formas de abordagens muito parecidas. Cenários, , tipo de enquadramento, personagens mantinham uma fidelização a um pensamento da época, ou seja, apresentar uma instituição opulenta, grande o suficiente para espalhar cultura e ser reconhecida no cenário nacional e internacional.

O trabalho que vem sendo desenvolvido, desde 2001, com o acervo fotográfico do Conservatório de Música de Pelotas é extremamente relevante como experiência na área. Embora ainda em andamento, as atividades de catalogação do acervo geram a perspectiva de outros projetos de modo que a totalidade do acervo vem a ser contempladas com ações de identificação e descrição.

De acordo com os dados e informações obtidos através da pesquisa documental e de entrevistas com a atual Diretora do Conservatório de Música e coordenadora do Projeto História Iconográfica do Conservatório de Música, prof<sup>a</sup>. Isabel Nogueira pode-se compreender a importância de ações de resgate da memória, mesmo que sejam oriundas de um universo de escassos recursos.

Comparado com o projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do AHIA, a metodologia foi semelhante, talvez as diferenças tenham se dado na forma de divulgação e nos meios para identificação das fotografias. No IA, a ampla divulgação permitiu atingir um público maior, onde a visibilidade da ação foi fundamental para a participação da comunidade gaúcha. E quanto ao meio utilizado para a identificação, em Pelotas as pessoas são convidadas a vir ao Conservatório, enquanto que no projeto do Arquivo Histórico, as pessoas podem fazer seus comentários sobre cada exemplar fotográfico, através do site do Arquivo.

Assim, pode-se considerar eficazes as duas formas de ação, de modo que as duas, por caminhos diferentes, atingiram seus objetivos.

#### **4.5 Difusão do Acervo do IA**

Naturalmente, que após um longo período de trabalho, exaustivo no sentido de oportunizar ao Acervo Documental do IA um tratamento adequado, condições de acesso e

divulgação de seus serviços é salutar que se proceda a uma análise dos avanços paulatinamente conquistados.

Avanços relativos ao processo de conscientização e implantação da gestão documental, significativos progressos no tratamento do acervo histórico, na infra-estrutura das salas de trabalho, na aquisição de equipamentos, na melhoria dos recursos humanos e, principalmente, na inserção do Arquivo na comunidade acadêmica da UFRGS e mais atualmente, na comunidade gaúcha.

Portanto, após esta análise e a partir das considerações de Blaya Perez, anteriormente mencionadas, pode-se chegar a algumas conclusões a respeito dos meios utilizados pelo Arquivo Histórico do IA, no sentido de proporcionar sua difusão.

Dos tipos de recursos citados por Blaya, e reforçados por vários outros autores, podemos destacar aqueles que efetivamente já estão inseridos no processo de difusão do AHIA.

A seguir serão descritos cada um deles e sua caracterização.

- a) elaboração de páginas na internet: este foi um recurso resultado de uma atividade do presente projeto de pesquisa, o qual possibilitou além da divulgação do acervo fotográfico a difusão do Arquivo Histórico;
- b) publicação de guias, inventários, catálogos: o Guia do Arquivo já está publicado no site institucional e terá sua publicação impressa no decorrer dos próximos meses. Ainda neste contexto, vale ressaltar a publicação da Pinacoteca Barão de Santa Ângelo, prevista para outubro de 2010, de um catálogo, onde o Arquivo terá um espaço para a difusão de seu acervo e projetos;
- c) trabalhos acadêmicos: desde o ano de 2006, o Arquivo serve de laboratório de estágio para o curso de Arquivologia da UFRGS, o que possibilita que inúmeros trabalhos de conclusão de curso sejam efetuados no Arquivo, tendo como objeto de estudo seus documentos, seus serviços e público pesquisador;
- d) apresentação de trabalhos em congressos: com o objetivo de divulgar o Arquivo várias palestras e cursos em diversas instâncias da Universidade, em semanas acadêmicas, em seminários de outras instituições já foram efetuados.

Em outubro de 2010, o Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico foi apresentado no IV Congresso Nacional de Arquivologia, em Vitória, ES;

- e) projeções de reproduções das fotografias mais significativas: vários exemplares fotográficos do Acervo do AHIA já foram reproduzidos visando a sua exposição, assim como outros documentos pertencentes ao Arquivo.

Estes recursos acima citados estão sendo utilizados, entretanto alguns outros serão concretizados no primeiro semestre de 2011. São eles: a confecção de material de divulgação e a publicação de um livro contendo as experiências realizadas no Arquivo, inclusive com textos de alunos participantes de um grupo de estudos no AHIA.

Assim sendo, constata-se que importantes recursos de difusão já estão sendo desenvolvidos pelo Arquivo Histórico, inclusive contemplando o Acervo Fotográfico. Da comparação entre aquilo que é apregoado pela literatura e o que já está consolidado pelas ações no Arquivo, pode-se deduzir que um importante trabalho foi realizado dando ao Arquivo visibilidade, fortalecendo sua identidade perante o seu cenário de atuação, tanto o acadêmico, quanto o da sociedade em geral.

Sobre a integração entre Instituição e comunidade, Gunter Axt faz a seguinte afirmação:

Um projeto de memória institucional, um centro de documentação ou um Memorial eficaz precisam ter vida e dinamismo social. Para que sua missão possa ser plenamente executada, não podem se converter em espaço estanque de coleções de resquícios ou fragmentos de memória, mas devem facilitar a criação de entornos criativos e interativos de participação social e comunitária, afirmando-se como agentes comunicadores sociais, transmissores de valores garantidores de continuidade democrática, como agentes educadores, dinamizadores comunitários e, inclusive, dinamizadores da economia (AXT, 2002, p. 230).

## 5 RECOMENDAÇÕES

Todas as atividades, realizadas durante essa pesquisa, exigiram um relevante grau de comprometimento e envolvimento, resultando numa profunda reflexão em torno de tudo que foi planejado e executado ao longo de um ano de atividades.

Sendo assim, algumas considerações são pertinentes, após esse longo processo investigativo.

Primeiramente, a proposta é organizar uma exposição do acervo fotográfico trabalhado, convidando especialmente aqueles que contribuíram para a identificação dos exemplares e os que efetuaram doações de documentos, dando, desta forma um retorno efetivo à comunidade, aos meios de comunicação, isto além de fortalecer as relações já estabelecidas, consolida a identidade do Arquivo perante a sociedade.

A natureza deste projeto permite ainda salientar a relevância e importância de dar-se continuidade à pesquisa nos Conservatórios de Música e Escolas de Artes, no interior do Estado, desta forma histórias institucionais poderiam ser recuperadas, complementadas e enriquecidas. Esta recomendação se justifica, também, na medida em que se poderia colaborar para que outras instituições se apropriassem da proposta de envolver a comunidade em ações específicas, relacionadas aos seus acervos documentais.

E, por último, sugere-se que a pesquisa que diz respeito ao acervo fotográfico do Arquivo Histórico do IA, tenha continuidade. Isto porque apenas uma amostra desse acervo foi contemplada e, principalmente, porque ele, em sua totalidade, necessita de um tratamento adequado, garantindo a sua descrição, preservação e disponibilização.



## 6 CONCLUSÃO

Este trabalho, apesar de ter sido amplamente discutido e planejado, não se furtou a apresentar, ao longo de sua execução, variáveis que causaram surpresas em determinados aspectos. Contudo, tais fatos, em nenhum momento, foram motivo de espanto, hesitações ou incertezas, pelo contrário, reforçaram a expectativa da investigação.

Elucidando esta afirmação, reporta-se ao momento de divulgação da pesquisa, onde, num primeiro momento, a meta era difundir apenas na instituição e entre usuários assíduos do arquivo do IA, no entanto a difusão assumiu uma proporção maior, cujo impacto não havido sido previsto. Fato este que estimulou o IA a buscar recursos para o Arquivo, colocando-se desta forma não mais como um agente passivo na investigação, mas como um agente colaborador, tornando-se assim o maior beneficiado desta iniciativa. Este fato justifica todas as ações de conscientização e de sensibilização iniciadas pelo Arquivo ao longo de todo o planejamento para a elaboração destas ações.

Certamente, essas estratégias de convencimento e a solidez da proposta resultaram naquilo que pode se chamar de viabilidade e sustentabilidade do projeto.

Portanto, a primeira análise do resultado desse trabalho é, sem dúvida, de salientar a importância de ações planejadas e respaldadas no convencimento e participação de toda a instituição. A segunda, os benefícios advindos do uso das ferramentas da internet para divulgar o Acervo e a pesquisa.

Ainda baseado nos resultados, vale reinteirar a importância do envolvimento da comunidade externa. A efetiva colaboração desta na identificação do acervo fotográfico, bem como as doações de documentos - tanto em suporte convencional como em meio digital - recebidas pelo Arquivo, são razões que fundamentam esse tipo de experiência, pois agregam valores ao acervo, permitindo o enriquecimento do patrimônio documental.

Considerando ainda o principal objetivo deste trabalho, sua complementação se estabelece na investigação em outro acervo, mais especificamente no acervo do Conservatório de Música de Pelotas. Experiência extremamente gratificante ao permitir que importantes dados tenham sido apreendidos, demonstrando que embora houvesse um claro entendimento das relações estabelecidas entre estas duas instituições, nada substitui a pesquisa documental,

a análise direta de informações e dados contidos nos documentos e na forma de tratamento dispensado pelas instituições às suas histórias institucionais.

Os resultados obtidos no Projeto História Iconográfica do Conservatório de Música de Pelotas, juntamente com os obtidos através da presente pesquisa realizada com o Acervo Fotográfico do AHIA, reforçam e fundamentam a idéia de que acervos fotográficos não identificados poderão, sim, ser objetos de projetos de pesquisa, onde a comunidade poderá colaborar, participar, ser agente efetivo no resgate de dados e informações, na reconstrução do contexto de produção e identificação de documentos fotográficos.

Outra importante questão a ser considerada é o resultado da análise da difusão do AHIA, esta permitiu concluir que talvez este seja o diferencial entre todo o trabalho realizado, até então. Se por um lado, importantes carências de recursos humanos, financeiros e materiais estão sendo superadas, por outro, destaca-se o reconhecimento do Arquivo como instituição gestora e detentora de um incalculável patrimônio documental. Isto tudo remete a um *status* que hoje, em se tratando de um órgão público, é de significativa importância. Sem dúvida, este é o retorno de todos os investimentos, ações e recursos utilizados na sua difusão.

Atualmente o AHIA ocupa um patamar de referência, tanto no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como em relação a outras instituições – públicas e privadas - que buscam informações sobre o projeto, sobre as ações desenvolvidas, solicitando também auxílio para a elaboração de projetos semelhantes.

Certamente, há a consciência de que os resultados dessa iniciativa representam apenas alguns passos na direção daquilo que se considera ideal para uma instituição detentora de acervo, mas ao encerrar-se esta etapa, imperioso é que se reconheça a força de uma ação planejada e estruturada de acordo com as necessidades do Arquivo.

Os objetivos alcançados remetem a uma certeza: diante dos ínfimos recursos das instituições ligadas à memória e à cultura no âmbito público, o diferencial é a criatividade aliada a um intenso processo de conscientização e mobilização de todos os agentes que possam vir a ser colaboradores em ações que primem pela preservação e disponibilização dos registros documentais disponíveis no mais diversos acervos, preservados nos mais diversos suportes, onde a sociedade poderá conhecer e reconstruir fatos e histórias institucionais.

E, acima de tudo, que estes acervos possam efetivamente assegurar o acesso à memória da evolução da humanidade às futuras gerações, através da atuação de profissionais qualificados e empenhados na consolidação dos preceitos arquivísticos.

## REFERÊNCIAS

ARMANI, Domingos: **Como Elaborar Projetos?:** guia prático para elaboração e gestão de projetos sociais. Porto Alegre: Tomo, 2004.

ARQUIVO NACIONAL. Conselho Nacional De Arquivos; ARQ BRASIL. Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos. **Modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos:** Versão 1.1. Rio de Janeiro, dez. 2009.

AXT, Gunter. Justiça e memória: a experiência do memorial do judiciário do Estado do Rio Grande do Sul. **Justiça & História**, Porto Alegre, v. 2, n. 4, p. 215-237, 2002.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos. **Estudo de usuários:** visão global dos métodos de coleta de dados. *Perspectiva em Ciências da Informação*, v. 1, n. 2, p. 168 – 184, 2007.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística:** objetos, princípios e rumos. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes:** tratamento documental. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CARPINETTI, Luiz Cesar Ribeiro. **Gestão de qualidade:** conceitos e técnicas. São Paulo: atlas, 2010.

\_\_\_\_\_. Carta para Preservação de Patrimônio Arquivístico Digital. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. Disponível em: <<http://www.documentoseletronicos.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/cartapreservp atrimarqdigitalconarq2004.pdf>>. Acesso em: 5 out. 2010.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. **ISAD(G):** norma geral internacional de descrição arquivística, adotada pelo Comitê de Normas de Descrição, Estocolmo, Suécia, 19-22 de setembro de 1999. 2. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. (Publicações técnicas, n. 49)

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS. **NOBRADE:** Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

CONWAY, Paul. **Preservação no universo digital**. Rio de Janeiro. Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001. (Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos, n. 52).

\_\_\_\_\_. COPPERMINE PHOTO GALLERY: como-criar-uma-galeria-de-imagens. Disponível em: <<http://www.hostnet.com.br/instalador-automatico-de-aplicativos/como-criar-uma-galeria-de-imagens-coppermine/>>. Acesso em: mar. 2010.

CORDENONSI, André Zanki; FLORES, Daniel; FERREIRA, Rogério Rocha. Análise da Aplicação do *software* SEPIADES para um acervo fotográfico. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 129-146, jan./jun. 2010.

COUTURE, Carol; ROUSSEAU, Jean-Yves. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

CRUZ MUNDET, José Ramon. **Manual de Archivística**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

\_\_\_\_\_. **Diretrizes gerais para a construção de websites de instituições arquivísticas**. Rio de Janeiro: CONARQ, 2001. Disponível em: <[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/diretrizes\\_para\\_a\\_construo\\_d\\_e\\_websites.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/diretrizes_para_a_construo_d_e_websites.pdf)>. Acesso em: jun. 2010.

FERREIRA, Miguel. **Introdução a Preservação Digital**: conceitos, estratégias e actuais consensos. Guimarães, Portugal: Escola de Engenharia da Universidade de Minho, 2006.

FULGUERAS, Ramon Alberch. **Los archivos, entre la memoria histórica y la sociedad del conocimiento**. Barcelona: UOC, 2003.

GALVÃO, Maria Cristina Barbosa. Construção de conceitos no campo da ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 27, n. 1, p. 46-52, jan./abr. 1998.

GARCÍA, Luis Martinez. La difusión por la difusión. In: ARCHIVOS, ciudadanos y cultura. Toledo, ES : Anabad Castellala Mancha, 1999. p. 29-55.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZÁLEZ, José Antônio Moreiro; ARILLO, Jesús Robledano. **O conteúdo da imagem**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

GOULART, Silvana. **Patrimônio documental e história institucional**. São Paulo: Associação Dos Arquivistas de São Paulo, 2005.

GRANGEIRO, Cândido. **As artes de um negócio: a febre fotográfica**: São Paulo 1862-1886. 1993. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1993.

HAGEN, Acácia Maria Maduro. Algumas considerações a partir do processo de padronização da descrição arquivística. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 27, n. 3, p. 293-299, 1998.

HARVEY, Ross . *Preservation in libraries: principles, strategies and practices for librarians* . London : Bowker Saur , 1993. (Topics in Library and Information Studies).

HEREDIA HERRERA, A. **Archivística General**: teoria e prática. 7. ed. Sevilha: Diputación de Sevilha, 1995.

\_\_\_\_\_. **ICA AtoM**. Disponível em: <<http://ica-atom.org/>>. Acesso em: 15 ago. 2009.

\_\_\_\_\_. **ISAAR**: Norma Internacional de Descrição Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004. Disponível em: <[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/isaar\\_cpf.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/isaar_cpf.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **ISAD(G)**: Norma Geral Internacional para Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001. Disponível em: <[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/ISAD\(G\).pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/ISAD(G).pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2010.

\_\_\_\_\_. **ISDF**: Norma internacional para Descrição de Funções. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008. Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/ISDF.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

JARDIM, José Maria. **O acesso à informação arquivística no Brasil**: problemas de acessibilidade e disseminação. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999. (Cadernos de Textos. Mesa Redonda Nacional de Arquivos).

KURTZ, Clara Marli Scherer. **O usuário do Arquivo Nacional e o seu relacionamento com os serviços oferecidos para a satisfação de suas necessidades de informação**. 1990. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - CNPq/IBICT/UFRJ/ECO, Rio de Janeiro, 1990.

LEITE, Miriam Moreira. **Retrato de Família: leitura da fotografia histórica**. 3. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001.

LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói/São Carlos: EdUFF et EDUFSCar, 1996. 142 p

MACALOSSI, Ângela Marina. **Sistematização do Acervo de Fotos Cor (1970 – 2000), do Centro de Documentação Musical da Universidade Federal de Pelotas: considerações sobre uma prática de gestão de acervos**. 2008. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural) – UFPel, Pelotas, 2008.

MANINI, Míriam Paula. **Análise documentária de fotografias: um referencial de leitura de imagem fotográfica para fins documentários**. 2002. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

MANINI, Miriam Paula; Marques, Otacílio Guedes; Muniz, Nancy Campos (Org.). **Imagem, memória e informação**. Brasília: Ícone, 2010.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARQUES, Otacílio Guedes. Informação Histórica: recuperação e divulgação da memória do Poder Judiciário Brasileiro. In: MANINI, Miriam Paula; MARQUES, Otacílio Guedes; MUNIZ, Nancy Campos (Org.). **Imagem, memória e informação**. Brasília, DF: Ícone, 2010. p. 107-123.

NAGEL, Rolf. RICHTER, Eneida Izabel Schirmer. **Elementos da Arquivologia**. Santa Maria: Bonn, 1988.

\_\_\_\_\_. **NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística**. Rio de Janeiro: CONARQ, 2006, Disponível em: <<http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/Media/publicacoes/nobrade.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2010.

NOGUEIRA, Isabel (Org.). **História Iconográfica do Conservatório de Música da UFPEL**. Porto Alegre: Palloti, 2005.

OLIVEIRA, Maria Augusta Matiarena de. **O Acervo fotográfico do Conservatório de Música da Universidade Federal de Pelotas: caracterização e organização da ficha**

catalográfica. Monografia (Especialista em Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2003.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo: teoria e prática**. 3 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

PALADINI, Edson Pacheco. **Gestão Estratégica da Qualidade: princípios, métodos e processos**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

PAVEZI, Neiva. **Arquivo Fotográfico: uma faceta do patrimônio cultural da Universidade Federal de Santa Maria**. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) Santa Maria, 2010.

PEREZ, Carlos Blaya. **Difusão dos arquivos fotográficos**. Caderno de Arquivologia: Santa Maria, (RS), v.2, n. 1, p.7-23, 2005.

\_\_\_\_\_. Os diferentes tipos de usuários de arquivos. **Caderno de Arquivologia**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 66-86, 2002.

\_\_\_\_\_. **Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes**, 2010. Disponível em:  
<[http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/recomenda/recomendaes\\_para\\_digitalizao.pdf](http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/media/publicacoes/recomenda/recomendaes_para_digitalizao.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2010.

ROMERO TALLAFIGO, M. Archivística y archive. In: ARCHIVÍSTICA y archivos: soportes, edificio y organización. 3. ed. Carmona: S&C, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SANTOS, Vanderlei Batista dos. **Gestão de Documentos Eletrônicos: uma visão arquivística**. 2. ed. Brasília, DF: Abarq, 2005.

SANTOS, Vanderlei Batista dos; INNARELLI, Humberto Celeste; SOUZA, Renato Tarciso Barbosa de (Org.). **Arquivística: temas contemporâneos: classificação, preservação digital, gestão do conhecimento**. 3. ed. Brasília, DF, SENAC, 2009.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e teorias**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

SILVA, Armando Malheiro da et al: **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. Porto: Afrontamento, 2002.

SILVA, Sérgio Conde de Albite. **A preservação da informação arquivística governamental nas políticas públicas do Brasil**. Rio de Janeiro: ABB/FAPERJ, 2008.

SIMON, Círio. **Origens do Instituto de Artes**: Etapas e contribuições do Instituto de Artes da UFRGS na constituição de expressões de autonomia no sistema de Artes Visuais do Rio Grande do Sul 2003. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande dos Sul, Porto Alegre, 2002.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial do Estado, 2003. (Projeto Como Fazer, 9).

THE BRITISH LIBRARY, NATIONAL PRESERVATION OFFICE. **Preservação de documentos**: métodos e prática de salvaguarda. Trad. Zeny Duarte; apresent. Robert Howes. Salvador: EDUFBA, 2000.

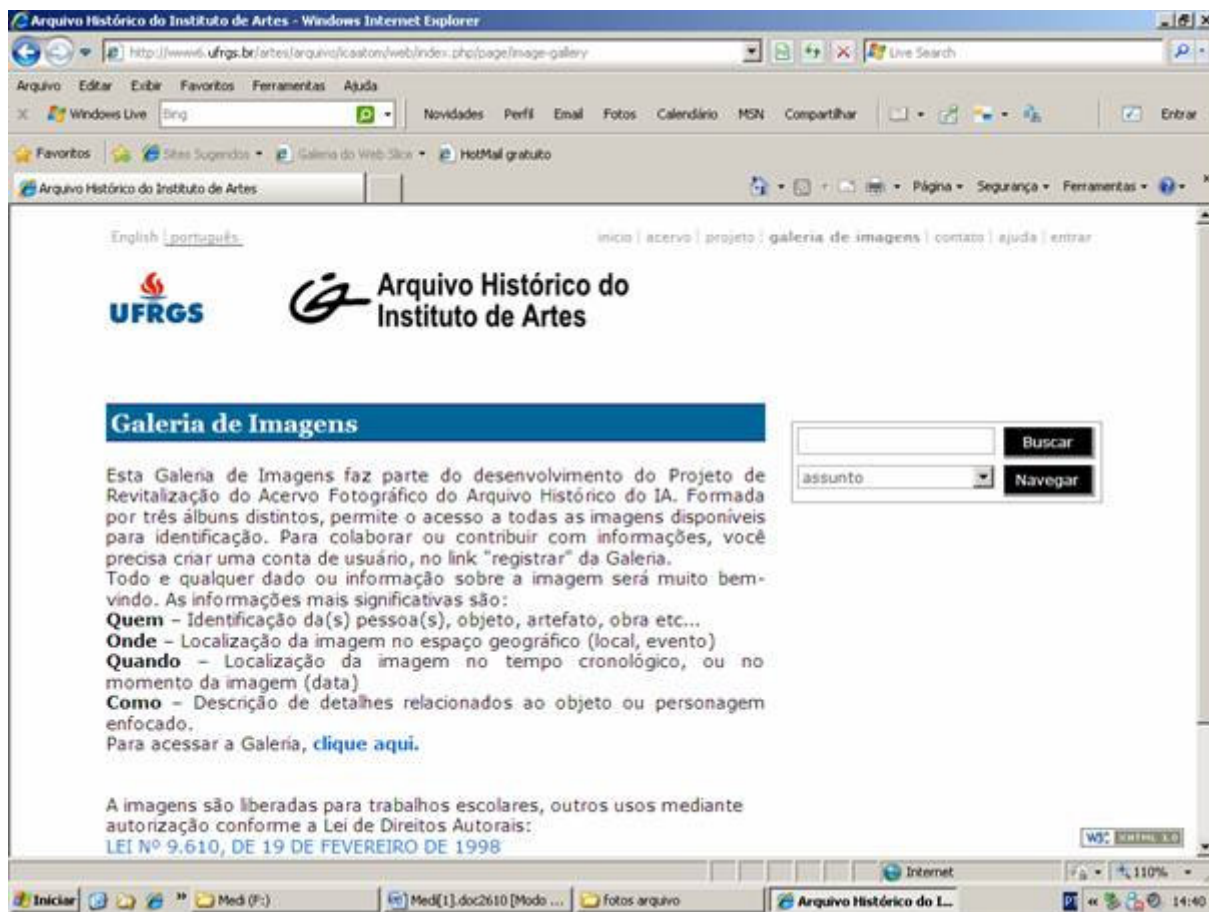


## APÊNDICE A – Visualização da página principal do AHIA



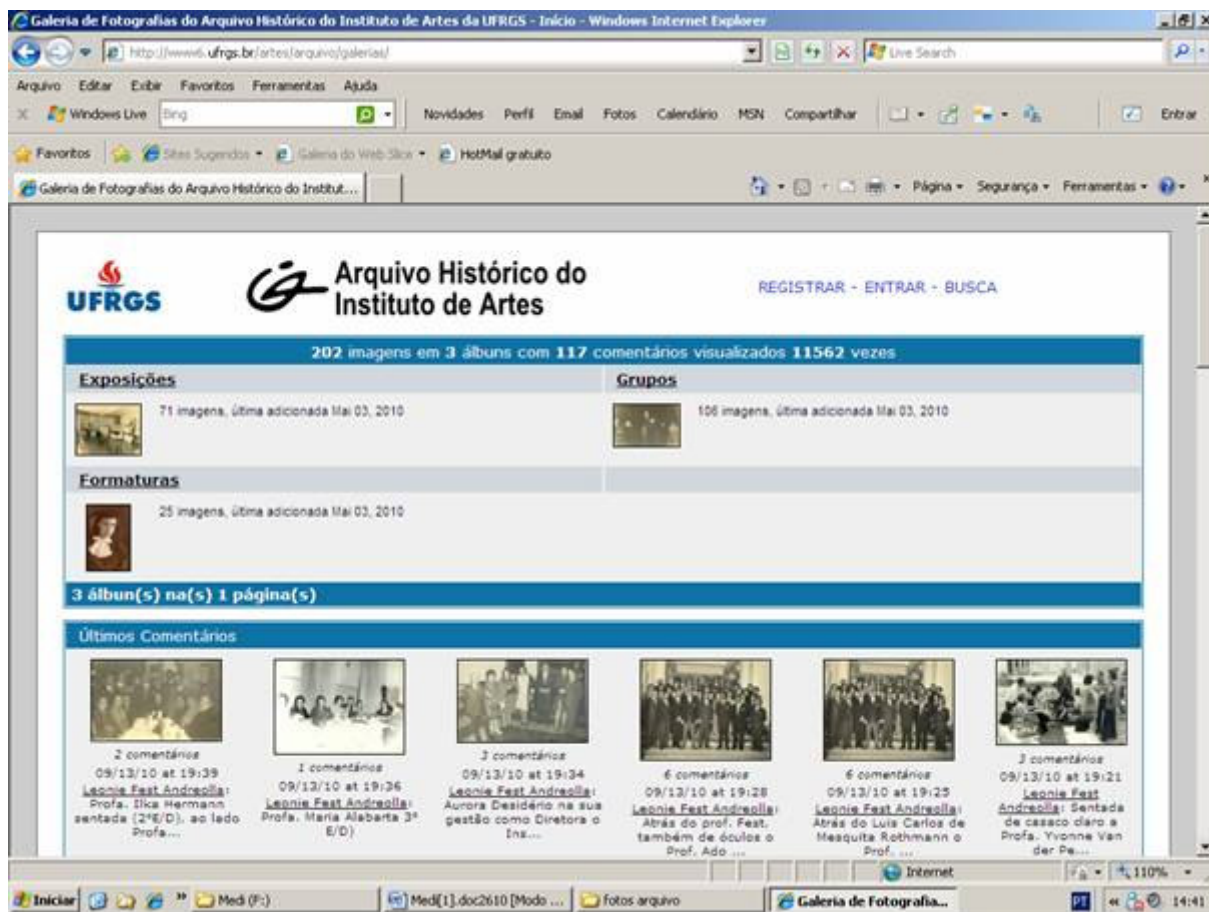
Fonte: Site do AHIA

## APÊNDICE B – Visualização da página da galeria de imagens



Fonte: Site do AHIA.

## APÊNDICE C – Página de visualização dos álbuns



Fonte: Site do AHIA

## APÊNDICE D – Visualização de um exemplar fotográfico e sua descrição arquivística



Fonte: Site do AHIA.

## APÊNDICE E – Exemplar fotográfico no *site* e sua descrição segundo a Nobrade

### Item 0010 - Formatura da 2ª turma do curso de Arquitetura



#### Área de identificação

<b>Código de referência</b>	BR RSAHIA IBA-4-2-6-0010
<b>Título</b>	Formatura da 2ª turma do curso de Arquitetura
<b>Date(s)</b>	13/04/1949 (Produção)
<b>Nível de descrição</b>	Item
<b>Dimensão e suporte</b>	fotografia 1 item p&b 20x25cm sem moldura

#### Área de contextualização

<b>Nome do produtor</b>	Curso de Arquitetura
<b>Nome do produtor</b>	Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul

#### Área de conteúdo e estrutura

<b>Âmbito e conteúdo</b>	Na 1ª fila, da esquerda para a direita: Ernani Corrêa, 3º; Tasso Corrêa, 5º; Luiz Fernando Corona, 6º; Enilda Ribeiro, 7º; Ângelo Guido, 8º; Edvaldo Pereira Paiva, 9º; funcionário Paulo, 10º.
--------------------------	---

#### Área de condições de acesso e uso

<b>Condições de acesso</b>	Sem restrição, dando-se preferência ao acesso por cd-rom, disponível no local.
<b>Condições de reprodução</b>	Sem restrição, mediante autorização.

#### Área de notas

<b>Nota</b>	Documento em bom estado de conservação.
<b>Nota</b>	Para identificação, foram utilizadas contribuições de Amarilli Bonni Licht e Círio Simon.

#### Pontos de acesso

<b>Pontos de acesso - assunto</b>	Formatura
<b>Pontos de acesso - lugares</b>	Porto Alegre - RS Curso de Arquitetura (Produtor) Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul
<b>Ponto de acesso - nome</b>	Corona, Luiz Fernando - fotografia Corrêa, Ernani - fotografia Corrêa, Tasso - fotografia Guido, Ângelo - fotografia Paiva, Edvaldo Pereira - fotografia Ribeiro, Enilda - fotografia

#### Área de controle da descrição

<b>Archivist's note</b>	Descrito por Medianeira Goulart (arquivista) e Débora Berté (historiadora).
<b>Regras</b>	BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
<b>Status</b>	Preliminar
<b>Detalhamento da descrição</b>	Parcial
<b>Datas de criação, revisão e obsolescência</b>	25/10/2010 (criação)
<b>Idioma da descrição</b>	português

#### Digital object metadata

<b>Nome do arquivo</b>	10.jpg
<b>Tipo</b>	Imagem
<b>Time-type</b>	image/jpeg
<b>Tamanho do arquivo</b>	971.3 KiB
<b>Inserido em</b>	25/10/2010 15:52

.Fonte: *Site* do AHIA

## APÊNDICE F – Exemplar fotográfico e sua descrição

Item 0010 – Formatura da 2ª turma do curso de Arquitetura



### Área de identificação

Código de referência	BR RSAHIA IBA-4-2-6-0010
Título	Formatura da 2ª turma do curso de Arquitetura
Date(s)	13/04/1949 (Produção)
Nível de descrição	Item
Dimensão e suporte	fotografia 1 item p&b 20x25cm sem moldura

### Área de contextualização

Nome do produtor	<a href="#">Curso de Arquitetura</a>
Nome do produtor	<a href="#">Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul</a>

### Área de conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo	Na 1ª fila, da esquerda para a direita: Ernani Corrêa, 3º; Tasso Corrêa, 5º; Luiz Fernando Corona, 6º; Enilda Ribeiro, 7ª; Ângelo Guido, 8º; Edvaldo
-------------------	--

	Pereira Paiva, 9º; funcionário Paulo, 10º.
<b>Área de condições de acesso e uso</b>	
Condições de acesso	Sem restrição, dando-se preferência ao acesso por cd-rom, disponível no local.
Condições de reprodução	Sem restrição, mediante autorização.
<b>área de notas</b>	
Nota	Documento em bom estado de conservação.
<b>Pontos de acesso</b>	
Pontos de acesso - assunto	<a href="#">Formatura</a>
Pontos de acesso - lugares	<a href="#">Porto Alegre - RS</a>
Ponto de acesso - nome	<a href="#">Curso de Arquitetura</a> (Produtor)
<b>Área de controle da descrição</b>	
Archivist's note	Descrito por Medianeira Goulart (arquivista) e Débora Berté (historiadora).
Regras	BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
Status	Preliminar
Detalhamento da descrição	Parcial
Datas de criação, revisão e obsolescência	25/10/2010 (criação)
Idioma da descrição	português
<b>digital object metadata</b>	
Nome do arquivo	10.jpg
Tipo	Imagem
Time-type	image/jpeg
Tamanho do arquivo	971.3 KiB
Inserido em	2010-10-25 15:52:29

Fonte: Arquivo Histórico do IA

## APÊNDICE G – Fotografia de formatura e sua descrição

### Item 0023 - Ato de formatura de Francisco Riopardense Macedo



#### Área de identificação

Código de referência	BR RSAHIA IBA-4-2-6-0023
Título	Ato de formatura de Francisco Riopardense Macedo
Date(s)	13/04/1949 (Produção)
Nível de descrição	Item
Dimensão e suporte	fotografia 1 item p&b 20x25cm sem moldura

#### Área de contextualização

Nome do produtor	<a href="#">Curso de Arquitetura</a>
Nome do produtor	<a href="#">Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul</a>

#### Área de conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo	1ª linha - de roupa branca: Francisco Riopardense Macedo; Da esquerda para a direita: 3º - Fernando Corona; 4º - Luiz Mesquita Rotmann;
-------------------	--



	5° - Tasso Corrêa.
--	--------------------

#### Área de condições de acesso e uso

Condições de acesso	Sem restrição, dando-se preferência ao acesso por cd-rom, disponível no local.
Condições de reprodução	Sem restrição, mediante autorização.

#### área de notas

Nota	Documento em bom estado de conservação.
Nota	Para identificação, foram utilizadas contribuições de Amarilli Bonni Licht e Círio Simon.

#### Pontos de acesso

Pontos de acesso - assunto	<a href="#">Formatura</a>
Pontos de acesso - lugares	<a href="#">Porto Alegre - RS</a>
Ponto de acesso - nome	<a href="#">Curso de Arquitetura</a> (Produtor)

#### Área de controle da descrição

Archivist's note	Descrito por Medianeira Goulart e Camila Lacerda Couto (Item).
Regras	BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
Status	Preliminar
Detalhamento da descrição	Parcial
Datas de criação, revisão e obsolescência	04/10/2010 (criação)
Idioma da descrição	português

#### digital object metadata

Nome do arquivo	23.jpg
Tipo	Imagem
Time-type	image/jpeg
Tamanho do arquivo	847.2 KiB
Inserido em	2010-10-04 11:04:05

Fonte: Arquivo Histórico do IADescrição da fotografia de formatura, segundo a NOBRADE.

## APÊNDICE H - Fotografia de uma exposição e sua descrição

### Item E2 - Busto - Cristina Balbão



#### Área de identificação

Código de referência	BR RSAHIA IBA-3-3-5-E2
Título	Busto - Cristina Balbão
Nível de descrição	Item
Dimensão e suporte	fotografia 1 item p&b 20x25cm sem moldura

#### Área de contextualização

Nome do produtor	<a href="#">Escola de Artes</a>
Nome do produtor	<a href="#">Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul</a>

#### Área de conteúdo e estrutura

Âmbito e conteúdo	Quadros não identificados; Busto - Veterano do Paraguai (1º da esquerda para a direita); Busto - Esmoleira (2º da esquerda para a direita).
-------------------	---

#### Área de condições de acesso e uso

Condições de acesso	Sem restrição, dando-se preferência ao acesso por cd-rom, disponível no local.
Condições de reprodução	Sem restrição, mediante autorização.

#### área de notas

Nota	Documento em bom estado de conservação.
Nota	Para identificação, foram utilizadas contribuições de Adriana Bolzan e Cirio Simon.

#### Pontos de acesso

Pontos de acesso - assunto	<a href="#">Exposição</a>
Pontos de acesso - lugares	<a href="#">Porto Alegre - RS</a>
Ponto de acesso - nome	<a href="#">Escola de Artes</a> (Produtor) <a href="#">Cristina Balbão</a>

#### Área de controle da descrição

Archivist's note	Descrito por Medianeira Goulart e Camila Lacerda Couto (Item).
Regras	BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.
Status	Preliminar
Detalhamento da descrição	Parcial
Datas de criação, revisão e obsolescência	04/10/2010 (criação)
Idioma da descrição	português

#### digital object metadata

Nome do arquivo	E2.jpg
Tipo	Imagem
Time-type	image/jpeg
Tamanho do arquivo	701.7 KiB
Inserido em	2010-10-04 10:38:21

Fonte :Arquivo Histórico do IA

## ANEXO A - Divulgação do projeto na revista Adverso



### Acervo de fotos do Arquivo Histórico do Instituto de Artes será revitalizado

Até o final de agosto, parte do acervo fotográfico do Instituto de Artes (IA) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) deverá estar revitalizado. O projeto, de autoria da arquivista Medianeira Goulart, pretende digitalizar em torno de 200 documentos e disponibilizá-los no site do arquivo histórico do IA para que pessoas envolvidas possam colaborar na identificação dos registros. Atualmente, o local conta com cerca de dois mil exemplares de imagens sem qualquer tipo de referência.

A ação iniciada em abril, além de contar com a colaboração da comunidade artística do Rio Grande do Sul, está fundamentada na pesquisa documental em outros acervos relacionados às artes do Estado. Professores, ex-alunos, funcionários e demais agentes que participaram da construção histórica do Instituto nesses 102 anos de atuação, são convidados a contribuírem com dados e informações que possam

subsidiar a revitalização e disponibilização desses documentos iconográficos datados no período de 1908 a 1962.

No site [www.ufrgs.br/artes/arquivo](http://www.ufrgs.br/artes/arquivo) é possível ter acesso as imagens que estão sendo revitalizadas e, ainda, postar dados e informações referentes a cada exemplar. A iniciativa faz parte da monografia de Medianeira no curso Gestão em Arquivos, ministrada pela UFSM. Em setembro, no final do processo, será organizada uma exposição com o resultado do trabalho.

Foto: ArquivoIA

NOTÍCIAS

RISARAI Yopal Yopai

Fonte: Revista Adverso, nº176- abril de 2010 - p. 19

## ANEXO B – Divulgação publicada no *site* da UFRGS



**Agendão**

Acontece Cinema Música Teatro Exposição Livros

UFRGS  
UFRGS  
SECOM



Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

### Projeto de recuperação da história do IA



O projeto de revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes está iniciando um trabalho com vistas à recuperação de dados antigos. Para isto, está contando com a colaboração da comunidade para que auxilie na identificação de pessoas e eventos registrados em fotografias da centenária escola de artes. O IA acumulou, ao longo do tempo, um importante patrimônio documental, com imagens iconográficas que retratam a história do ensino das artes no Sul do país.

A atual proposta procura sensibilizar pessoas que participaram da trajetória do IA, para que contribuam com informações

que possam auxiliar na identificação dos documentos datados no período de 1908 a 1962. Em 2009, a construção do site [www.ufrgs.br/artes/arquivo](http://www.ufrgs.br/artes/arquivo) impulsionou a colaboração para o projeto de preservação da memória artística, já que o acervo fotográfico está digitalizado e disponível ao público. Para colaborar, esclarecer dúvidas ou obter informações basta fazer contato pelos endereços [medianeira.pereira@ufrgs.br](mailto:medianeira.pereira@ufrgs.br) / [ahia@ufrgs.br](mailto:ahia@ufrgs.br), com a arquivista Medianeira Pereira Goulart.

**O QUE:** Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS

**ONDE:** [www.ufrgs.br/artes/arquivo](http://www.ufrgs.br/artes/arquivo)

**INFORMAÇÕES:** Quem souber o nome das pessoas ou dos eventos registrados nas fotos pode enviar as informações para a arquivista do IA/UFRGS Medianeira Pereira Goulart pelos e-mails [medianeira.pereira@ufrgs.br](mailto:medianeira.pereira@ufrgs.br) / [ahia@ufrgs.br](mailto:ahia@ufrgs.br). Telefones: 33083391 e 99085204.

Seminário: Filosofia, Pessoa e Educação

Concurso de Romance Erico Veríssimo 2010"

## ANEXO C – Divulgação no jornal da UFRGS



ACERVO FOTODOS HISTÓRICAS DOLIA

### MEMÓRIA

#### Projeto do IA pede apoio à comunidade

O Projeto de Revitalização do Acervo Fotográfico do Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS solicita aos professores, ex-alunos e funcionários que contribuam com dados e informações que possam subsidiar a identificação de pessoas e eventos registrados em fotografias datadas do período de 1908 a 1962. Em desenvolvimento desde outubro do ano passado, o projeto prevê a construção de um site para o arquivo, a digitalização do acervo fotográfico e a exposição pública do material já identificado. O acervo objeto desta iniciativa está disponível no endereço <http://www.ufrgs.br/artes/arquivo>. Quem souber o nome das pessoas ou dos eventos registrados nas fotos pode enviar as informações para a arquivista do Instituto, Medianeira Pereira Goulart, pelos e-mails [medianeira.pereira@ufrgs.br](mailto:medianeira.pereira@ufrgs.br) e [ahia@ufrgs.br](mailto:ahia@ufrgs.br).

Fonte: Jornal da Universidade - Em Pauta- Junho de 2010, p. 03

## ANEXO D – Notícia no Jornal do comércio

Imagens antigas que contam muitas histórias. O

### Instituto de Artes da Ufrgs

pede apoio à comunidade para identificar fotografias antigas que estão no acervo do instituto, como a cena que ilustra este texto. Em mais de cem anos de atuação no ensino, a escola produziu um grande patrimônio documental que, agora, precisa ser identificado. São imagens do período entre 1908 e 1962 que retratam a prática do ensino das artes no Sul do País. Após, as fotografias irão para um site com todo o arquivo digitalizado e que poderá ser consultado pelo público. O acervo está disponível no site do arquivo (<http://www.ufrgs.br/artes/arquivo>). Quem souber o nome das pessoas ou dos eventos registrados nas fotos pode enviar as informações pelos e-mails [medianeira.pereira@ufrgs.br](mailto:medianeira.pereira@ufrgs.br) ou [ahia@ufrgs.br](mailto:ahia@ufrgs.br).



IA UFRGS/CONVULGACAO/2010

Fonte: Jornal do Comércio, 10 junho 2010

Segundo Caderno

| memória |

# Imagens sem legenda

IA convoca comunidade para revitalizar acervo de fotos

GABRIELA HAAS

Formaturas, solenidades e confraternizações entre antigos alunos estão registradas nas cerca de 2 mil imagens conservadas pelo Arquivo Histórico do Instituto de Artes da UFRGS, no Campus Central da universidade.

As histórias das fotografias, porém, ainda precisam ser contadas: a maior parte do material não pode ser catalogada adequadamente por falta de informações sobre os eventos e pessoas retratadas. Agora, a comunidade gaúcha é convidada a colaborar com a revitalização desse acervo.

**R**esponsável pela manutenção do Acervo Histórico do Instituto de Artes há 10 anos, a arquivista Medianeira Pereira viu no trabalho final de seu curso de especialização uma oportunidade de dar início a um novo desafio. A ideia do projeto é incentivar a comunidade a colaborar com a identificação do arquivo fotográfico da instituição, que conserva 102 anos de informações sobre o Instituto.

— Chega a doer quando as pessoas chegam aqui procurando informação e não temos. Ficamos com essa lacuna de ter o material e não ter dados, no final, temos e não temos acervo ao mesmo tempo — conta Medianeira.

O arquivo foi aberto em 1997 e há 10 anos atende solicitações do público externo. Frequentemente, pesquisadores e acadêmicos visitam o local em busca de dados para seus trabalhos. A partir do material conservado, é possível pesquisar desde informações sobre antigos professores do Instituto a partituras estudadas no século passado.

Para facilitar o andamento do projeto e a participação da comunidade, foi criado um site ([www.ufrgs.br/artes/arquivo](http://www.ufrgs.br/artes/arquivo)) que disponibiliza uma amostra do material fotográfico histórico com a possibilidade de fazer registros online sobre as imagens.

— O projeto é bem simples: envolver a comunidade para que as pessoas saibam que existe o acervo e que também podem se beneficiar dele. A ideia é socializar a história do Instituto de Artes — explica a arquivista.

Para o final do ano, está prevista uma exposição com todas as imagens que forem identificadas via site ou contato com o IA. A realização do evento, porém, depende principalmente do engajamento da comunidade.

— A ideia é convidar as pessoas que colaboraram para que vejam o resultado da sua ajuda — afirma Medianeira.

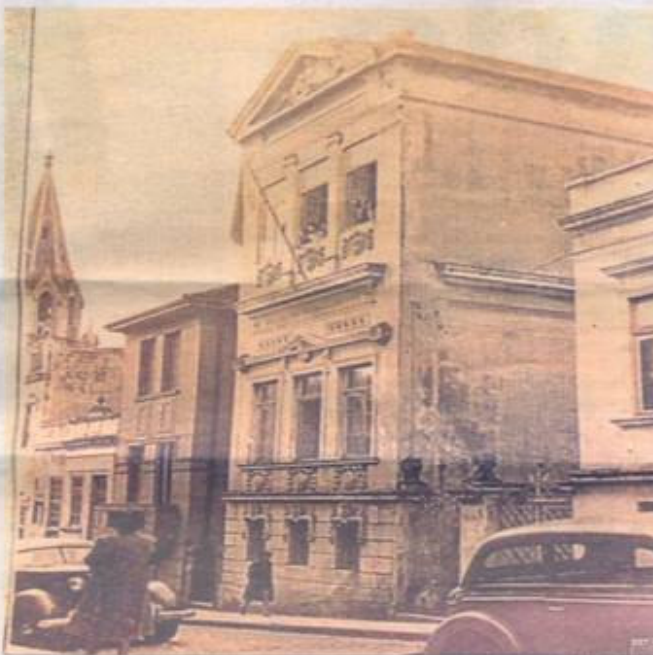


Foto: Arquivo Histórico do Instituto de Artes

Primeiro prédio ocupado pelo Instituto de Artes, em 1903

## O Instituto

O Instituto de Belas Artes foi inaugurado em 1906 e reunia os cursos de Música e Artes Plásticas. Em 1934, o local incorporou cursos como Direito, Medicina e Engenharia, formando a Universidade de Porto Alegre (UPA). Apenas em 1962, o Instituto de Belas Artes passou a integrar a UFRGS e, com a criação dos departamentos de Arte Dramática, Artes Visuais e Música, passou a ser chamado de Instituto de Artes.

## O PRÉDIO:

O prédio ocupado pelo Instituto de Artes costumava abrigar uma loja maçônica e foi alugado pela instituição em 1909 e adquirido em 1913. A primeira reforma foi iniciada em 1914 e concluída no ano seguinte. Em 1941, a construção foi demolida para que fossem iniciadas as obras do prédio atual. O bloco central de oito andares do Instituto foi inaugurado em 1943. Na década de 1950, foi iniciada a construção do bloco destinado às Artes Plásticas e, em 1960, foi adquirido um pequeno prédio anexo ao Instituto.

## COMO AJUDAR:

Quem tiver interesse em doar material ou ajudar na identificação das fotografias pode entrar em contato com a equipe pelo fone (51) 3308-3391, pelo e-mail [ahia@ufrgs.br](mailto:ahia@ufrgs.br) e pelo site [www.ufrgs.br/artes/arquivo](http://www.ufrgs.br/artes/arquivo). O Acervo Histórico do IA fica no prédio do ICBS (Instituto de Ciências Básicas da Saúde), no Campus Central da UFRGS (Sarmiento Leite, 500).